



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES
CURSO DE LICENCIATURA EM MÚSICA

LEANDRO FELIX CAVALCANTE

A atuação de professores de Arte/música em tempos de pandemia: dois estudos de caso com professores da Paraíba.

JOÃO PESSOA/PB

Dezembro de 2021

LEANDRO FELIX CAVALCANTE

A atuação de professores de Arte/música em tempos de pandemia: dois estudos de caso com professores da Paraíba.

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) como requisito para a obtenção do grau de Licenciado em Música.

Orientadora: Profa. Dra. Juciane Araldi Beltrame

JOÃO PESSOA/PB

Dezembro de 2021

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C376a Cavalcante, Leandro Felix.

A atuação de professores de Arte/música em tempos de pandemia: dois estudos de caso com professores da Paraíba. / Leandro Felix Cavalcante. - João Pessoa, 2021.

56 f.

Orientação: Juciane Beltrame.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Educação musical - TCC. 2. Música - Ensino - Pandemia. 3. Ensino remoto - Instrumentos musicais. 4. Ensino remoto - Metodologia. I. Beltrame, Juciane. II. Título.

UFPB/CCTA

CDU 78:37(043.2)

LEANDRO FELIX CAVALCANTE

**A atuação de professores de Arte/música em tempos de pandemia: dois estudos de caso
com professores da Paraíba.**

Monografia de graduação apresentada ao Centro de Comunicação, Turismo e Artes, da Universidade Federal da Paraíba, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado(a) em Música.

RESULTADO: Aprovado NOTA:100

João Pessoa, 14 de dezembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Juciane Araldi Beltrame (orientadora)
(UFPB)



Prof. Dr. Matheus Henrique da Fonsêca Barros
(IFSertãoPE)



Prof. Dr. Marcos da Rosa Garcia
(IFPB)

AGRADECIMENTOS

Ao fim de um longo caminho percorrido, é necessário refletir como cheguei até aqui e como essa experiência foi construída. Para mim, não foi preciso pensar muito e logo cheguei a conclusão de que tudo isso foi construído em coletivo com várias outras pessoas que, de alguma maneira, contribuíram nessa importante etapa de minha vida. O caminho não foi fácil em nenhum momento, mas graças ao apoio de familiares, amigos, e colegas de curso, foi possível vencer cada obstáculo e chegar ao fim do percurso.

Inicialmente quero agradecer a Deus por mais uma vitória que me foi concedida. Em segundo lugar, quero agradecer aos meus pais Antônia e Francisco que confiaram em mim desde o momento que resolvi embarcar nessa carreira, e também aos meus irmãos que acreditaram em mim desde o início até aqui.

Além desses que já mencionei, quero aqui lembrar de alguns nomes muito importantes que foram fundamentais e de alguma maneira também são responsáveis por mais essa vitória em minha vida.

O primeiro deles é o grande mestre Sérgio Mendes, graças a ele fiquei sabendo do curso de extensão onde me preparei para fazer o Processo Seletivo de Conhecimento Específico (PSCE) em música, sem você meu amigo, certamente, ainda não teria chegado até aqui. Muito obrigado!

O segundo é dona Dalva, a responsável por me acolher em sua residência sempre que chegava de madrugada do curso e não tinha como ir para minha casa que era na zona rural.

O terceiro é meu querido amigo, colega de profissão e irmão de caminhada, Anselmo Paiva que durante todo o percurso me acompanhou nas longas jornadas de estudos. Muito obrigado por tudo meu irmão!

O quarto é Franciele Galdino, minha parceira de Duo, colega de trabalho e, sobretudo, minha amada companheira de vida. Sem você, muitas vezes, teria fracassado, por isso, muito obrigado por sempre estar ao meu lado nos últimos anos e ter me ajudado a chegar até aqui.

Agradeço também a Dona Maria que sempre me ensinou a ir em frente, nunca baixar a cabeça diante das dificuldades e ter fé. Muito obrigado por tudo!

Por fim, agradeço a minha querida orientadora Profa. Dra. Juciane Araldi que me ensinou tanto durante esse processo e me fez chegar até aqui. Gratidão professora!

RESUMO

A partir da situação vivida no mundo com a pandemia da Covid-19, as aulas de música foram suspensas desde os primeiros meses de 2020, o que obrigou professores de artes/música a buscar soluções alternativas para continuar suas atividades de ensino em meio a essa situação. Sendo assim, esse trabalho objetivou compreender como dois professores de arte/música desenvolveram suas atividades de ensino durante a pandemia. Com base em entrevistas semiestruturadas, a pesquisa de cunho qualitativo buscou identificar, descrever, verificar e analisar alguns dos diversos aspectos presentes nas aulas de arte/música que atualmente estão sendo ministradas de forma remota. Nessa perspectiva, obtivemos alguns resultados relevantes para área da educação musical, tais como: um retrato dos desafios enfrentados pelos professores e alunos nesse período, a concepção dos professores sobre as aulas de maneira remota, os recursos que cada professor utilizou para que as aulas fossem realizadas, entre outros. Embora essa pandemia seja algo que a humanidade está caminhando para superá-la, as reflexões e opiniões obtidas através desse trabalho, certamente, trazem uma boa contribuição para nossa área, mesmo sabendo que é apenas um recorte de tudo que está sendo vivido nesse período remoto emergencial, ao qual fomos submetidos.

Palavras-chave: educação musical; pandemia; período remoto emergencial; Covid-19.

ABSTRACT

Due to the situation in the world with the Covid-19 pandemic, music classes were suspended since the first months of 2020, which forced arts/music teachers to seek alternative solutions to continue their teaching activities in the midst of this situation. Therefore, this work aimed to understand how two art/music teachers developed their teaching activities during the pandemic. Based on semi-structured interviews, the qualitative research sought to identify, describe, verify and analyze some of the different aspects present in art/music classes that are currently being taught remotely. From this perspective, we obtained some relevant results for the area of music education, such as: a portrait of the challenges faced by teachers and students in this period, the teachers' conception of lessons remotely, the resources that each teacher used for the lessons to be performed, among others. Although this pandemic is something that humanity is on the way to overcome, the reflections and opinions obtained through this work certainly bring a good contribution to our area, even though it is just a snippet of everything that is being experienced in this emergency remote teaching, to which we were subjected.

Key words: music education; pandemic; emergency remote teaching; Covid-19.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	FUNDAMENTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS.....	12
2.1	Revisão de literatura.....	12
2.2	Metodologia.....	17
2.2.1	Seleção dos participantes.....	18
2.2.2	Coleta de dados.....	18
3	PROFESSORA MARIA.....	21
3.1	Trajetória como professora de artes.....	21
3.2	Aulas de música durante a pandemia.....	22
3.2.1	Estrutura e desafios docentes e discentes.....	23
3.2.2	Formato da aula: síncronas e/ou assíncronas.....	24
3.2.3	Recursos e plataformas.....	25
3.2.4	Estratégias de engajamento dos alunos.....	26
3.3	Repertório e uso de instrumentos musicais no ensino remoto.....	27
3.4	Principais aprendizados docentes no período de pandemia.....	28
4	PROFESSOR JOÃO.....	30
4.1	Trajetória como professor de artes.....	30
4.2	Aulas de música durante a pandemia.....	31
4.2.1	Recursos e plataformas.....	35
4.2.2	Atividades e estratégias para engajamento dos alunos nas aulas.....	36
4.3	Repertório e uso de instrumentos musicais no ensino remoto.....	38

4.4	Principais aprendizados docentes no período de pandemia.....	38
5	ARTICULAÇÃO ENTRE AS PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS DE JOÃO E MARIA.....	41
5.1	Trajetória de formação e atuação.....	41
5.2	Aulas de música durante a pandemia.....	42
5.2.1	Estrutura e desafios docentes e discentes.....	44
5.2.2	Formato da aula: síncronas e/ou assíncronas:.....	45
5.2.3	Recursos e plataformas.....	46
5.3	Repertório e uso de instrumentos musicais no ensino remoto:.....	47
5.4	Aprendizados docentes no período de pandemia.....	48
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	50
	REFERÊNCIAS.....	52
	APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO... ..	54
	APÊNDICE B - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.....	55

1 INTRODUÇÃO

O uso da tecnologia para ministrar aulas tem crescido nos últimos tempos e sobretudo no ano de 2020 virou uma realidade na maioria das escolas, instituições públicas e privadas. O fato é que, em 2020, a apropriação das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) para ministrar aulas foi uma das possibilidades para continuar as atividades de ensino num contexto que mudou radicalmente a rotina de todos, a pandemia da Covid-19. Segundo Lima (2020), no fim de 2019, era apenas uma palavra no noticiário, mas que em março de 2020, já era uma realidade em nosso país e no mundo, o que obrigou a maioria das instituições públicas ou privadas suspenderem as aulas presenciais.

Com todas essas mudanças provocadas por conta da pandemia, foi necessário buscar alternativas para continuar a dar aulas. Tendo em vista aquilo que Nascimento e Oliveira (2020) afirmam, “as limitações de acesso às tecnologias digitais da informação e comunicação” tanto por parte dos alunos quanto por parte de professores que ministram aulas de arte/música, foi necessário buscar alternativas para não perder o contato com os alunos e a partir daí, marcar os encontros síncronos e assíncronos.

Nesse período de mudança das aulas presenciais para o período remoto emergencial foi necessário considerar a desigualdade social que é algo tão aparente em nosso país e dentre as alternativas que se buscou para as aulas de arte/música de forma online, está a conversão de vídeos em arquivos de áudio para ter uma economia de dados na hora de compartilhar os materiais para os alunos via plataformas de mensagens instantâneas como WhatsApp, comprimir arquivos em pdf, entre várias outras maneiras de ajudar os alunos com materiais de apoio para eles poderem acompanhar as aulas remotas de uma forma econômica, no que diz respeito a pacote de dados que as operadoras oferecem (NASCIMENTO E OLIVEIRA, 2020). Contudo nem sempre esse pacote é suficiente para um mês inteiro.

Diante deste contexto, esta pesquisa parte da seguinte questão problema: Como os professores de Arte/música vinculados à rede pública de ensino do Estado da Paraíba desenvolveram suas atividades de ensino durante a pandemia?

Partindo desse questionamento, a pesquisa tem como objetivo geral: compreender como os professores de arte/música desenvolveram suas atividades de ensino durante a pandemia. Já os objetivos específicos se concentram em: Identificar quais as contribuições e desafios encontrados pelos professores ao ministrar as aulas de arte/música de forma remota; Descrever quais estratégias os professores utilizaram para as aulas de arte/música no período remoto; Analisar a concepção dos professores sobre o ensino de arte/música de forma remota;

Identificar fatores que afetam a prática desenvolvida pelos professores no contexto de ensino remoto emergencial.

O interesse de fazer essa pesquisa nasceu da curiosidade de compreender como professores de arte/música estão desenvolvendo suas atividades no atual contexto pandêmico que a humanidade está vivendo. Todas as dificuldades vividas sendo aluno de licenciatura em música nesse período remoto emergencial, me fizeram querer compreender um pouco mais como esse processo está ocorrendo na escola básica. Ter a compreensão mais aprofundada de como esse processo está ocorrendo no âmbito da escola de ensino básico é, certamente, de grande importância para o meu crescimento profissional e da área de educação musical.

Mesmo que a área da educação musical tenha muitas possibilidades para o ensino da música, nesse período de pandemia da Covid-19 que pegou a todos de surpresa, teve suas limitações devido a diversos fatores relacionados a tecnologia. Portanto, tendo como ponto de partida essas limitações, esta pesquisa se justifica pela busca de fazer um pequeno recorte da atual situação vivida pelos professores no âmbito da escola pública, na tentativa de dar sua contribuição a área da educação musical que, de certa forma, teve suas limitações nesse período. E é nessa perspectiva que a pesquisa segue, trazendo um retrato daquilo que está se passando com profissionais da área educação musical em meio a pandemia da Covid-19.

Para alcançar os objetivos propostos, este trabalho teve como abordagem metodológica, a pesquisa de cunho qualitativo, tendo como instrumentos de coleta de dados as entrevistas semiestruturadas que foram feitas com uma professora e um professor. No roteiro das entrevistas utilizamos questões que abordaram assuntos que vão desde a formação de cada professor até o atual contexto de isolamento em que vivemos, buscando colher informações sobre suas práticas de ensino, nos ajudando na compreensão de como se deu esse processo, que tipos de dificuldades eles enfrentaram, dentre outros. A coleta de dados foi feita exclusivamente de forma remota por videoconferência que se deu através da plataforma online Google meet, cada professor foi entrevistado de maneira individual e cada entrevista teve uma duração média de uma hora e quarenta minutos.

De maneira geral, visando cumprir os objetivos propostos, este trabalho está dividido em 4 capítulos. No primeiro deles estão os fundamentos metodológicos da pesquisa, onde fazemos uma revisão de literatura de trabalhos publicados no ano de 2020 relacionados ao ensino da música em contexto da pandemia para dar a base teórica necessária para esta pesquisa. Já os capítulos 2, 3, e 4 estão destinados à análise dos dados coletados, onde o capítulo 2 traz a análise da entrevista feita com a professora Maria, no capítulo 3 trazemos a análise da entrevista com o professor João e por fim, o capítulo 4, onde buscamos fazer a

transversalização dos dados coletados com os dois professores (aqui identificados por nomes fictícios), fazendo uma análise mais aprofundada dos pontos convergentes e divergentes entre os entrevistados aliando à literatura, ou seja, buscando fazer o diálogo entre a literatura e os dados coletados, tentando responder a todos os objetivos de nossa pesquisa. Ao fim do trabalho, apresentamos algumas considerações sobre a pesquisa.

2 FUNDAMENTOS TEÓRICO- METODOLÓGICOS

2.1 Revisão de literatura

A revisão de literatura desta pesquisa teve como base autores que discutem o ensino de música durante o período da pandemia da Covid-19. As pesquisas foram feitas através do site da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM) na aba de Anais dos encontros regionais onde buscamos textos que pudessem ajudar com o nosso tema. Para isso utilizamos como parâmetros de pesquisa os encontros ocorridos no ano de 2020 e palavras chaves como: Aulas de música online, ensino remoto, aulas de música na pandemia, educação musical e tecnologia, entre outras. Dentre os trabalhos encontrados nos encontros das 5 regiões do país, nós selecionamos aqueles que mais se adequa a nossa pesquisa, ou seja, aqueles que discutem sobre experiências músico pedagógicas de profissionais da música no que diz respeito a desafios, possibilidades e adaptações no ensino feitos durante esse período de pandemia. Nesse sentido, encontrei os seguintes autores: Lima (2020), Nascimento; Oliveira (2020), Melo (2020), Almeida; Santos; Marinho (2020) e Westermann; Portugal; Rodrigues (2020).

Além destes materiais encontrados nos Anais da ABEM, o artigo de Barros (2020) intitulado “Educação musical, tecnologias e pandemia: reflexões e sugestões para o ensino remoto emergencial de música”, publicado em um periódico da área, contribuiu para esta pesquisa uma vez que apresenta importantes reflexões acerca do ensino da música na modalidade remota levantando algumas questões que possibilitam a reflexão sobre o ensino da arte/música no atual contexto em que vivemos.

As discussões apresentadas no texto iniciam com dados sobre a pandemia da Covid - 19, e as medidas que o MEC tomou em relação às aulas nas instituições de ensino. Essas medidas permitiram a completa substituição das aulas presenciais pelas aulas remotas. Assim o autor traz o conceito de ensino remoto emergencial a partir de Hodges *et al.* (2020) e apresenta a principal característica do ensino remoto emergencial que é apresentar soluções temporárias de educação completamente remota e/ou híbrida para situações originalmente presenciais (BARROS, 2020, p. 3). Ainda o autor fala sobre o desafio das aulas remotas, problemas encontrados nessas aulas como: latência, fidelidade sonora e sincronização. O texto se divide em três pilares: mudança conceitual, observação das realidades específicas e redes de compartilhamento.

Sobre a mudança conceitual por parte dos professores, deve ser “[...] em relação às práticas musicais oriundas da cultura participativa digital, potencializada pelas tecnologias”. (BARROS, 2020, p. 6). Para ele, isso fará com que o profissional docente reflita sobre quais conteúdos musicais aplicará através das aulas remotas, isso evitará que o professor compare as atividades remotas com as presenciais.

No que se refere a observação das realidades e contextos específicos o autor ressalta as diversas realidades e contextos socioeconômicos locais encontrados no Brasil. Ele chama a atenção para um aspecto muito relevante que é a exclusão digital vivida por muitos brasileiros ainda hoje. Com isso, sugere várias maneiras de se trabalhar com toda diversidade de contextos encontrados no país, no que diz respeito à limitação de acesso à internet. A sugestão é o uso de Apps, softwares, plataformas de videoconferência, playlists online e o google formulários.

Na última parte do texto, Barros (2020) discute sobre a busca de apoio em redes colaborativas. Nessa parte ele traz à tona a necessidade que o professor, nesse momento, tem de buscar apoio nas redes colaborativas. Em seguida, ele cita diversas associações e organizações pelo mundo que disponibilizaram materiais, lives e etc. Além de citar várias universidades e institutos que também fizeram sua parte nesse momento de ensino remoto emergencial de música. Por fim, Barros (2020) faz algumas sugestões para os professores que buscam materiais nessa vasta gama de possibilidades, chamando a atenção sobre a necessidade de reflexão crítica para compreender aquilo que é adequado a cada situação de aula vivida nesse período pandêmico.

O texto de Nascimento e Oliveira (2020) intitulado: “Núcleo de educação e artes: Desenvolvimento das dimensões da musicalidade nas aulas de arte em Caucaia/CE no início do distanciamento social através do Youtube” é um relato de experiência que trata de sugestões de videoaulas e podcasts implementadas pelo núcleo de educação e artes do município de Caucaia/CE. A perspectiva principal foi a de formação de professores e alunos, focada no desenvolvimento das dimensões da musicalidade.

O texto está dividido em 5 partes, a primeira delas é a introdução onde os autores explicam como o trabalho foi iniciado e que rumos esse trabalho tomou a partir do distanciamento social causado pela pandemia da Covid-19. Na segunda parte, Nascimento e Oliveira (2020) discorrem sobre alguns conceitos do sociólogo Pierre Bourdieu, dentre eles está o *habitus* que “trata da reconexão entre as práticas individuais e o meio em que essas práticas foram desenvolvidas”, o campo e o capital com suas 4 formas que são capital econômico, cultural, social e simbólico. Na parte seguinte os autores escrevem sobre a

interação entre as dimensões da musicalidade e conhecimento artístico. A quarta parte trata do desenvolvimento das dimensões da musicalidade no distanciamento social.

Segundo Nascimento e Oliveira (2020), “através desse relato exemplificou-se uma possibilidade de interação com os alunos objetivando o desenvolvimento das Dimensões da Musicalidade neste período de distanciamento social”. Com os resultados das sugestões de videoaulas e podcasts apresentados no texto, os autores mostraram que houve resultados positivos em relação aos alunos da rede municipal de educação do referido município, isso considerando a dificuldade de acesso às TICs narradas na introdução do relato.

No texto de Lima (2020) temos outro relato de experiência onde o autor faz uma reflexão acerca das situações vividas por corais do Brasil e do mundo com o avanço da pandemia da Covid-19. Lima usa como base para sua pesquisa dois aportes, um webinar e um vídeo publicado pela regente Renata Bueno Tavares, ambos encontrados na plataforma de vídeos youtube. O texto tem como objetivo “[...] ampliar os diálogos a respeito do canto coral frente aos desafios postos pela pandemia da Covid-19, de forma que o canto coletivo continue promovendo saúde, aquisição de conhecimento musical e expressão artística”, (LIMA, 2020. p. 3).

O autor divide o seu relato em três partes onde a primeira delas é sobre o webinar e o vídeo, a segunda é um posicionamento e uma reflexão teológica que ele faz levantando alguns dos problemas mais comuns enfrentados aqui no Brasil no que diz respeito ao uso das ferramentas tecnológicas para ministrar encontros virtuais, apontado esses problemas o autor diz que:

Para que seja possível fazer um encontro virtual com um grupo de 45 coristas é necessário que todos e todas tenham acesso a internet banda larga, tenham um computador, tablet ou celular e já tenham tido um treinamento com as plataformas de ensino, o que pode ser chamado letramento digital, sem considerar o conhecimento que eu, como regente, precisaria adquirir familiaridade com ferramentas de tecnologia da informação para ser capaz de promover essa atividade a distância. (LIMA, 2020, p. 6).

Esses problemas são encontrados tanto em ensaios de corais como é o caso que Lima (2020) cita, como em aulas de música para turmas de alunos de escolas da rede pública de ensino. A terceira parte do texto trata-se da conclusão do autor acerca das reflexões feitas em sua pesquisa e a partir daí, através de suas reflexões, ele conclui que todas as afirmações e recomendações vistas nos vídeos usados para o referido trabalho são importantes de serem consideradas. Segundo o autor, é “[...] importante acatá-las e adaptar as referidas recomendações aos contextos do canto coral no Brasil [...]”. (LIMA, 2020, p. 8).

O texto de Almeida, Santos e Marinho (2020) traz mais um relato de experiência vivido nesse período de pandemia da Covid-19 focando nas mudanças de metodologias e formatos de ministrar aulas de música, seja ela em contexto de escola pública ou privada, universidade e etc.

Nesse sentido, o texto tem como objetivo

[...] apresentar reflexões a partir de uma experiência de ensino coletivo remoto de violão em um projeto de extensão universitária a partir dos desafios e caminhos encontrados na realização de aulas remotas durante o período de distanciamento social ocasionado pela pandemia de COVID-19. (ALMEIDA, SANTOS E MARINHO, 2020, p. 1).

A metodologia utilizada para esse trabalho foi pesquisa bibliográfica baseada em autores da educação e educação musical e ainda a experiência de monitores que desenvolveram suas aulas de violão de forma remota.

O texto divide-se em 5 partes: a primeira é a introdução onde os autores contextualizam a atual situação vivida pela pandemia da Covid-19, a segunda parte é o Projeto: Orquestra de Violões da Paraíba, a terceira é a experiência e as (re)invenções pedagógicas no ensino coletivo de violão, a quarta parte traz as questões técnicas envolvendo o uso da tecnologias e por fim, as considerações finais dos autores.

Através desse trabalho, Almeida, Santos e Marinho (2020) concluíram que “[...] o ensino coletivo a distância de violão apresenta diversos desafios de ordem pedagógica e tecnológica, mas que esses desafios acabaram revelando também como diferenciais dessa modalidade de ensino”. Para eles, a experiência deu a possibilidade de pensar em inovações e novos caminhos para o ensino do violão graças aos desafios que as aulas remotas trouxeram para cada monitor que precisou se reinventar no que diz respeito à metodologia usada para o ensino coletivo, estratégias e etc.

O trabalho de Melo (2020) intitulado “Educação musical na cultura digital: ensino e aprendizagem e utilização de tecnologias no contexto universitário” é um artigo que apresenta uma pesquisa de Doutorado em andamento e tem como objetivo geral:

aprofundar as discussões sobre a utilização de tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) no contexto universitário, mais especificamente identificar, analisar e compreender como se dá a utilização de recursos tecnológicos digitais no curso de licenciatura em Música da UNICAMP, discutindo a formação docente e discente para e pelas tecnologias. (MELO, 2020, p. 1).

O trabalho tem como base metodológica a abordagem qualitativa, descritiva e analítica. Para coleta de dados Melo (2020) utilizou questionário e entrevista semiestruturada e ainda baseando sua pesquisa em referenciais teóricos que abordam temas como “[...] Educação musical; Tecnologias; Cultura digital; Cultura participativa; Processos de ensino e Aprendizagem em ambiente *online*; Formação de professores”. (MELO, 2020, p. 1).

O artigo de Melo está dividido em 6 partes iniciando com a introdução onde ele traz um panorama geral sobre sua pesquisa frisando que “ a docência na era da informação implica em uma reflexão crítica na incorporação de novos conhecimentos por parte dos professores” MELO (2020, p. 2). Isso inclui o uso de recursos tecnológicos na prática docente ampliando as possibilidades de ensino no processo de ensino aprendizagem com seus alunos.

Na segunda parte o autor contextualiza educação musical e tecnologia, a terceira parte é o conceito de conhecimento tecnológico pedagógico de conteúdo, representado pela sigla TPACK (MELO, 2020, p. 6). Na quarta parte o autor discorre sobre as questões que nortearam a sua pesquisa. Na quinta parte ele traz os primeiros dados da pesquisa escrevendo sobre o conceito de currículo e a sexta parte que é sobre suas considerações acerca de sua pesquisa em andamento. Ao fim desse artigo o autor já traz algumas reflexões importantes sobre a sociedade atual que tem um uso intenso das diversas tecnologias e da tecnologia digital: “é necessário compreender a importância da inclusão de práticas pedagógicas e reflexões sobre a utilização e articulação das tecnologias digitais da informação e Comunicação (TDIC) com os mais diferentes conteúdos desde a formação inicial do educador musical” (MELO, 2020, p. 16).

O artigo de Westermann, Portugal e Rodrigues (2020) intitulado Ensino de violão e pandemia: relato de experiência de uma ação de extensão, tem como objetivo principal apresentar o processo de adaptação das aulas de iniciação do violão ao formato online. O texto divide-se em duas partes, sendo a primeira delas sobre a experiência de uma maneira geral, falando sobre as reuniões, planejamentos e atividades realizadas durante o processo. Na segunda parte, os autores fazem uma discussão sobre o fenômeno vivido atualmente pela humanidade e, ao fim, eles apresentam perguntas norteadoras para práticas e investigações do ensino da música em tempos de pandemia.

Além disso, é possível identificar algo interessante que se diferencia um pouco de outros trabalhos aqui abordados, todas as aulas, a partir do isolamento social provocado pela pandemia, ocorreram de maneira assíncrona, devido a alguns fatores como: os autores não terem conhecimento das condições de acesso a internet dos estudantes e, nesse sentido, eles ainda completam: “Entendemos que uma aula no formato de videoconferência demandaria

uma infraestrutura maior dos estudantes, o que poderia trazer prejuízos ao seu aproveitamento”. (WESTERMANN, PORTUGAL E RODRIGUES, 2020).

Ao fim, os autores trazem alguns pensamentos importantes sobre o ensino da música (nesse caso, ensino de violão) via internet, o leitor é convidado a refletir sobre a cultura digital que permitiu às aulas no modelo remoto e ainda falam sobre a importância da universidade adentrar cada vez mais no espaço digital.

A partir da revisão de literatura, foi possível perceber o quanto os trabalhos escritos durante o ano de 2020 tiveram como um dos assuntos bases a situação pandêmica vivida até hoje, dentre eles destaque os trabalhos de Barros (2020) e Almeida, Santos e Marinho (2020) que em seus textos discorrem de forma mais direta sobre a pandemia da COVID-19 que atingiu o mundo no ano de 2020. Ainda é possível notar que Barros (2020) e Nascimento e Oliveira (2020) apresentam algumas sugestões para o ensino de forma remota emergencial.

Sobre os problemas enfrentados durante o período de aulas remotas foi possível encontrar de forma bastante clara nos relatos de Almeida, Santos e Marinho (2020), Barros (2020), Westermann, Portugal e Rodrigues (2020) e Lima (2020). Por outro lado, no trabalho de Melo (2020) ele traz uma discussão mais aprofundada sobre a docência na era da tecnologia e ainda fala de forma mais direta na educação musical e tecnologia que são dois assuntos centrais que abordo neste trabalho sobre a atuação de dois professores de arte/música durante a pandemia da Covid-19.

Tendo como base teórica todos os autores acima citados, a temática aqui investigada vem somar a este corpo de trabalhos, tendo como foco as experiências de professores de Artes/Música da cidade de João Pessoa.

2.2 Metodologia

Por ser uma pesquisa que busca compreender como professores de artes/música desenvolveram suas atividades de ensino na pandemia, esta pesquisa é de cunho qualitativo na qual foi desenvolvido um estudo de caso onde buscamos, como diz Penna (2017), conhecer uma realidade específica em profundidade. Na pesquisa realizada foi feito especificamente um estudo de caso intrínseco, pois como afirma Stake *apud* André (2013), um estudo de caso intrínseco é aquele em que há interesse em estudar aquele específico caso, do qual pode ser uma experiência inovadora ou incomum, a fim de identificar os elementos que a constituem, quais recursos foram necessários para realizá-la e assim por diante. E esse foi o nosso foco na pesquisa.

2.2.1 Seleção dos participantes

Os participantes escolhidos para essa pesquisa foram 2 professores de artes/música de escola básica que estavam ministrando aulas remotas no primeiro semestre de 2021. Os critérios de escolha foram: pertencer ao quadro de professores do município de João Pessoa, ou do Estado da Paraíba e que trabalham ministrando aulas no ensino fundamental.

Assim, a escolha da professora Maria e do professor João foi a partir de indicações dos colegas e professores do curso de licenciatura em música da UFPB. A profa Maria atua na escola municipal e estadual, no entanto seu relato é referente a sua experiência na escola municipal e o professor João atua em duas escolas estaduais, uma da Paraíba e outra do Rio Grande do Norte, porém em seu relato ele foca principalmente na experiência vivida na escola da Paraíba.

2.2.2 Coleta de dados

Buscando conceituar a entrevista semiestruturada, Manzini (1990/1991, p. 154) afirma que “a entrevista semi-estruturada está focalizada em um assunto sobre o qual confeccionamos um roteiro com perguntas principais, complementadas por outras questões inerentes às circunstâncias momentâneas à entrevista”, ou seja o entrevistador será mais atuante na condução da entrevista que vai se desdobrando a cada questão base do roteiro que origina outros questionamentos. Dessa forma, o pesquisador tem uma maior flexibilidade nas questões.

Sendo assim, os dados desta pesquisa foram coletados através de entrevistas semiestruturadas com cada professor individualmente. A realização das entrevistas ocorreu em dias distintos, conforme quadro a seguir:

Participante	Data e horário	Duração
Professora Maria	20 de Maio. 20h.	1 hora e 40 minutos
Professor João	03 de Junho. 20h e 30m..	1 hora e 39 minutos

Além das entrevistas semiestruturadas, estava prevista outra técnica de coleta de dados que seria uma análise documental com o objetivo de analisar o conteúdo produzido pelos professores Maria e João durante esse período de aulas remotas. Contudo, não fizemos, pelo fato de termos um espaço de tempo curto para englobar os dois tipos de coleta de dados e analisar com o devido cuidado.

Tendo ciência do processo de triangulação feito no estudo de caso, achamos conveniente deixar claro, que neste trabalho, não foi possível fazer essa etapa por conta da situação pandêmica que o mundo se encontra, impossibilitando a observação das aulas presencialmente, bem como a análise de planos de aula utilizados pelos professores. Contudo, diante das circunstâncias que nos encontramos no momento desta pesquisa, fizemos o cruzamento de dados obtidos através das entrevistas com os dois professores que descreveram de forma clara aquilo que viveram durante esse período remoto emergencial.

Embora não tenha sido feita a análise documental prevista, nem as observações das aulas, através das entrevistas foi possível compreender como os professores de arte/música desenvolveram suas atividades de ensino durante a pandemia fazendo uma análise das ferramentas tecnológicas utilizadas pelos professores em suas aulas remotas, quais plataformas eles utilizam, que tipo de estratégias os professores utilizam para fazer atividades práticas de forma remota e também a concepção de cada professor sobre o ensino de arte/música nesse contexto. As entrevistas foram registradas em áudio e vídeo para um melhor detalhamento das respostas e a transcrição foi feita em ortografia padrão.

Penna, (2017), afirma que “[...] as resoluções sobre ética na pesquisa trazem diretrizes importantes a serem consideradas inclusive pelos pesquisadores iniciantes em educação musical” e nessa direção, sendo essa uma pesquisa que utilizamos coleta de dados através das entrevistas semiestruturadas com os professores, nós usamos uma das indicações da resolução 510/2016 citada por Penna, (2017) que trata das normas aplicáveis às pesquisas em educação. Pois, é de suma importância antes de qualquer pesquisa, o pesquisador fazer uso do Termo de consentimento livre e esclarecido, porque:

[...] O pesquisador deve esclarecer o potencial participante, na medida de sua compreensão e respeitadas suas singularidades, sobre todos os aspectos da pesquisa, prestando informações em linguagem clara e acessível, permitindo que os mesmos reflitam e decidam se querem ou não tomar parte da mesma. (BRASIL apud PENNA, 2017, p. 167).

Portanto, antes de fazer as entrevistas por videochamada, foi feito o termo de consentimento para que cada um dos professores entrevistados pudessem assinar caso

concordassem com todos os pontos colocados no termo, deixando claro todos os aspectos da pesquisa, no que diz respeito às técnicas de coleta de dados e a utilização do conteúdo da entrevista que será, apenas, para fins acadêmicos. Sendo assim, foi enviado a cada um, por meio do google formulário, o termo de consentimento (Ver Apêndice A) onde eles assinaram e permitiram que a entrevista fosse feita em data e horário previamente combinados.

Cada professor preferiu que sua identidade fosse preservada e indicaram, através do formulário, o uso de um nome fictício de nossa escolha para usar os dados obtidos nas entrevistas. Dessa maneira, os pesquisados foram mantidos no anonimato, a fim de manter o combinado no ato do aceite em participar da pesquisa (PENNA, 2017, p. 168).

3 PROFESSORA MARIA

3.1 Trajetória como professora de artes

A professora Maria é formada em Licenciatura em Música pela UFPB. A decisão de ser professora teve início ainda quando estava no ensino médio, conforme suas palavras: "Fiquei com vontade de ser professora, nessa vontade de dar minha contribuição para uma educação melhor" (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021). Assim entrou na licenciatura, porém ainda com dúvidas se seria melhor o bacharelado. Ela conta: "permaneci na licenciatura, principalmente porque conheci professores que me ajudaram bastante neste processo, conheci projetos de extensão que me motivaram a continuar na licenciatura e ser professora" (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021).

Um dos projetos que motivou a professora Maria a permanecer na licenciatura foi a Musicalização infantil conforme ela diz "foi nesse espaço que, de fato, eu adentrei a esse mundo da educação do ser de fato professora". (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021). Após a graduação, a professora Maria começou a trabalhar em escolas de ensino regular, porém em cargos administrativos. Segundo ela, conseguir emprego na área de música na cidade de João Pessoa é muito difícil. Após algumas tentativas sem sucesso de arrumar emprego como professora de música, a professora Maria teve a primeira oportunidade de fazer um concurso para professor de música do município e passou, foi quando ela começou a lecionar no ensino fundamental-anos iniciais, dessa vez, como professora de artes/música¹.

A professora Maria ensina artes/música desde 2015. Para ela, dar aula de artes/música no ensino fundamental parecia ser uma tarefa fácil, mas após iniciar ela percebeu ser mais complexo, como relata: "Nessa época era fundamental anos iniciais (1º ao 5º ano), eu senti muita dificuldade nesse primeiro ano [...]". (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021). Ou seja, no início, mesmo para a professora Maria que já tinha experiência com a iniciação musical, sentiu dificuldade no contexto do ensino fundamental.

A dificuldade foi diminuindo a partir de suas experiências ministrando aulas em diferentes espaços, a professora Maria conclui que, "toda realidade escolar tem os seus detalhes, as suas coisas específicas". (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021). A professora ainda fala que após o seu primeiro ano no ensino fundamental, ela conseguiu se adaptar bem a

¹ Professor(a) de arte/música - O professor licenciado em Música que atua na escola de ensino básico como professor da disciplina Arte.

esse contexto, aprendeu como lidar com as situações em sala de aula e o dia a dia, descobriu com o tempo que gosta muito do que faz. Nas suas palavras: “gosto muito de minha profissão, sou muito feliz com a minha profissão”. (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021).

Por volta do ano de 2016 a Professora Maria iniciou seu mestrado em educação musical pela UFPB, ela relata que essa experiência foi maravilhosa para sua formação. Em meio a isso, participou de um segundo concurso para professor de música do estado e com a aprovação no concurso, começou a ministrar aulas de música na escola especializada em música Anthenor Navarro (EEMAN), com esse novo emprego vieram outras dificuldades e desafios a serem enfrentados. Na escola especializada, a Maria ministra aulas para diversas faixas etárias, o que acrescentou muito na sua experiência como professora. E agora no ano de 2021, com sua entrada no doutorado, a professora Maria completa o relato sobre sua trajetória dizendo: “estou continuando aprendendo [...], venho cada vez mais aprendendo com a minha prática”. (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021).

Dessa forma, Maria acrescenta que hoje como Mestre em educação musical tem uma visão bem mais abrangente de tudo que já viveu trabalhando na área. Ela sente e deixa claro que fez a escolha certa ao seguir o caminho da educação musical, embora essa seja uma profissão que exige muito esforço de si, ela não pensa, em momento algum, em desistir de sua carreira.

3.2 Aulas de música durante a pandemia

Nas aulas durante a pandemia, a professora Maria relata que ao pensar nessa situação, a palavra que primeiro vem à cabeça é dificuldade, em suas palavras ela diz que “foi um processo difícil que a gente teve que se adaptar muito rápido a essa nova realidade”. (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021).

Segundo a professora Maria, se adaptar a esse formato de aula realizada online foi uma aprendizagem que muitos professores tiveram que desenvolver em um tempo muito curto e com isso vieram as dificuldades ao lidar com esse ambiente novo, “porque o trabalho em *home office*, tem essa coisa de tomar muito da sua vida, às vezes é difícil você conseguir equilibrar as horas de trabalho”. (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021). Em comparação com as aulas presenciais a professora destaca que mesmo tendo que planejar suas aulas em casa, tudo é muito delimitado a partir de sua carga horária pré estabelecida, já em *home office* o controle sobre esse tempo é para ela mais complicado.

Sobre o ensino remoto emergencial, a professora ainda cita vários aspectos importantes a serem observados, ela diz que nos primeiros seis meses vieram problemas de saúde como exaustão, sequeidão nos olhos, tendinite, entre outros. Além disso, com esse processo de adaptação, teve de aprender a usar vários tipos de ferramentas, dentre elas o editor de vídeo, gravador de voz, entre outras tecnologias necessárias para a produção de aulas no ensino remoto emergencial.

Partindo de suas vivências escolares de música no ensino fundamental, a professora Maria levanta uma questão muito pertinente quando se trata do ensino de música em escola básica do município. Ela diz que sente bastante dificuldades em pensar nas vantagens e desvantagens que tem em ministrar aulas de música online para esse tipo de público, considerando principalmente a vulnerabilidade social. Ela afirma: “eu sinto muito mais dificuldade de enxergar as vantagens de um público mais carente, como é meu público do município”. (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021). Com essa afirmação, ela refere-se à falta de recursos básicos que seus alunos não dispõem para assistir às aulas, recursos tecnológicos dentre eles o celular, computador, etc.

3.2.1 Estrutura e desafios docentes e discentes

Ao ser indagada sobre a comparação das aulas no ensino remoto emergencial com as aulas presenciais, a professora Maria responde que, pelo fato da escola em que leciona atender um público de alunos que moram em comunidades mais carentes, a participação dos alunos no ensino remoto emergencial não permite um retorno satisfatório as atividades propostas pelos professores, algo bem diferente das aulas presenciais que os alunos participavam de maneira bastante ativa.

Ao falar dessa comparação, a professora cita alguns fatores que contribuem para o não retorno dos alunos as atividades online, segundo ela “são alunos que tem um celular para família toda, o pai passa o dia todo trabalhando, ou a mãe, chega 8 horas da noite em casa e não tem condições de estar ali ajudando os filhos”. (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021). Outro fator é o analfabetismo por parte dos pais desses alunos que, por vezes, não conseguem intermediar as lições com seus filhos e dar o devido retorno das atividades via celular ou computador, ou seja, para a professora Maria, em suas turmas, a participação é algo que diferencia bem as aulas presenciais das aulas no ensino remoto emergencial.

No que diz respeito aos desafios enfrentados ao ministrar aulas de forma remota, a professora Maria lista alguns deles enfrentados semanalmente ao planejar suas aulas. Alguns

deles são: a organização do tempo e como pensar em atividades que as crianças consigam fazer em casa de maneira remota, pensar em metodologia utilizada para esse contexto ensino, qual instrumento usar nas aulas, a maneira de explicar claramente cada conteúdo, qual plataforma usar para enviar os vídeos, qual editor usar e que acessórios pedagógicos musicais usar para chamar mais atenção das crianças. Assim, estes são, para a profa Maria, os desafios docentes mais difíceis de enfrentar nesse período remoto emergencial.

Em relação aos desafios discentes, a professora cita: ter os materiais necessários para confeccionar os instrumentos alternativos em suas casas, o entendimento das instruções dadas pela professora a cada aula ou a compreensão por parte dos alunos de que cada vídeo tinha como objetivo que eles fizessem as dinâmicas de forma ativa com a professora, de modo a gravar a sua própria execução de cada exercício. Segundo a professora, dessas dificuldades citadas, a maior delas é terceira, conforme afirma: “[...] a dificuldade maior foi eles/elas entenderem que é para assistir a atividade e fazer as coisas propostas no vídeo junto comigo enquanto assiste o vídeo”. (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021). Ao se referir a essa terceira dificuldade, a professora aponta uma possível causa: "Talvez porque eles já estão acostumados em assistir pela telinha sentados sem interagir". (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021).

3.2.2 Formato da aula: síncronas e/ou assíncronas

Sobre o formato das aulas, Maria afirma que todas as aulas ministradas, por ela, na escola básica durante esse período remoto emergencial foram de forma assíncrona. Ela comenta que no início fazia as gravações com duração de 15 a 20 minutos, mas com o passar do tempo passou a gravar esses vídeos com duração de 7 a 10 minutos, pois percebeu que os alunos não assistiram aos vídeos longos por motivos como, dados de internet limitados disponibilizados pelas operadoras telefônicas. Cada vídeo possui 2 ou 3 atividades, são postados no youtube e mandados em formato de link para os alunos assistirem na plataforma.

A professora Maria afirma que no início gravava os vídeos por série escolar, depois percebeu que, se agrupasse as turmas, ficaria mais dinâmico e ganharia tempo no processo de gravação e edição de cada vídeo. A organização foi feita da seguinte maneira: “Educação infantil, pré escolar primeiro ano eu gravo um vídeo, segundo e terceiro ano eu gravo outro vídeo”. (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021). A partir do relato acima, é possível notar que essa forma de organização para gravar suas videoaulas otimizou bastante o tempo

utilizado com as gravações e diminuiu significativamente o desgaste provocado pela jornada de trabalho de gravação, edição e postagem dos vídeos.

3.2.3 Recursos e plataformas

A professora Maria relata que a única forma que ministra aulas para as turmas do ensino fundamental é de maneira assíncrona e isso implica dizer que ela utiliza diversos recursos tecnológicos. Em sua resposta a algumas questões referentes a isso, a professora Maria descreve vários recursos que utiliza no processo de criação das suas videoaulas, dentre eles: “[...] eu comprei um tnt de música para colocar como papel de parede dos vídeos para dar aquela vibe”. (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021). Além disso, ela também usou o programa de gravação e edição de vídeos Filmora, joguinhos temáticos do Google, *chrome music lab*, o editor de áudio *Audacity*, o *Canvas* para fazer cards, para capturar os vídeos usou a câmera do celular, um tripé para segurar o celular na hora de gravar, para captura do áudio usou o microfone de lapela e para a iluminação dos vídeos fez uma adaptação com uma lâmpada de escritório.

Ao ser questionada sobre uso desses recursos tecnológicos antes da pandemia, a professora diz que usou apenas um que foi o editor de vídeos para fazer dois trabalhos com suas turmas, mas além do editor de vídeo, ela não utilizou nenhuma, assim como afirma: “o restante eu não utilizava antes da pandemia, usar celular na aula ou algo do tipo eu não fiz”. (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021).

No caso do uso de plataformas para suas aulas, como a professora sempre ministrava de forma assíncrona através das videoaulas que criava, ela diz que utilizou apenas duas plataformas, que foi o Youtube e WhatsApp. No caso do Youtube, ela utiliza para postar os vídeos que produziu e WhatsApp para divulgar os links das aulas e tirar alguma dúvida com os pais dos alunos. O uso de apenas duas plataformas para ministrar suas aulas assíncronas se deu devido à falta de formação dos professores acerca do uso das plataformas de ensino online e o fato dos dados móveis escassos de seus alunos, como dito anteriormente. A professora relata que houve apenas uma formação para professores do estado, mas que para os docentes do município não, além disso, a professora diz que ao invés de formação, os professores do município foram orientados a abrir um grupo de WhatsApp e enviar todo material necessário para as aulas por lá. Após um ano de aulas remotas foi que os professores do município tiveram sua primeira formação e em 2021 estão usando plataformas como o *classroom*, *Google suite*, etc.

Sobre as vantagens encontradas nas plataformas usadas para as aulas assíncronas, a professora fala que, no WhatsApp, a principal vantagem que encontrou foi a comunicação direta com os pais de cada aluno. De maneira presencial ela diz que não conseguia obter contato com as famílias pelo fato de dar aulas a turmas juntas e apenas uma vez por semana, mas como diz com suas palavras “o grupo de WhatsApp facilitou bastante isso, porque o contato é intermediado pelos pais”. (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021).

Por outro lado, o Youtube tem algumas vantagens interessantes quando comparado ao WhatsApp, pois através do Youtube ela consegue ver melhor e com mais detalhes a quantidade de alunos que acessam as videoaulas e, além disso, ainda tem a vantagem de não ocupar a memória dos aparelhos celulares que os alunos usam para assistir às aulas, pois se mandar via WhatsApp, rapidamente a memória de seus celulares enche e eles ficam impossibilitados de fazerem as atividades. Ao fim de suas palavras sobre as plataformas, a professora Maria completa dizendo que “Uma coisa legal da aula gravada é que cada aluno pode ver a atividade quantas vezes quiser na hora que quiser”. (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021).

3.2.4 Estratégias de engajamento dos alunos

Falando sobre aulas no ensino remoto, a professora conta um pouco sobre as atividades que desenvolve para chamar a atenção dos alunos, mesmo que de forma assíncrona. Segundo ela, as atividades são voltadas para a vivência musical dos alunos, para isso, a professora usa o canto, a dança, o movimento corporal e a percussão corporal. Ela diz “Então as aulas são pensadas em vivências práticas mesmo, cantar, fazer movimento corporal, aprender uma célula rítmica através do corpo, reproduzir células rítmicas no canto e etc”. (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021).

Mesmo usando uma variedade de atividades voltadas a vivência musical dos estudantes, a participação deles nas aulas é bem reduzida nesse período remoto, para a professora muitos pais argumentam a falta de acesso à internet de qualidade, outros dizem ser pelo fato dos alunos não possuírem o celular, entre vários outros motivos, mas para a professora Maria o maior motivo foi a falta de equipamentos básicos para acompanhar as aulas ou o suporte dos pais.

Com aqueles alunos que participam das aulas, a professora usa várias estratégias para tornar suas aulas mais atrativas e interessantes, ou seja, ela procura pensar em propostas divertidas, como afirma: “Eu já fiz teatro de bonecos, fantoches, dedoches, usei bola de

sopro”. (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021). Além das estratégias listadas pela professora, ela ainda utiliza recursos visuais na hora da edição dos vídeos como figuras, animação, fotos e etc. Segundo ela, essa possibilidade de edição é outra vantagem das aulas assíncronas que permitem acrescentar esses elementos aos vídeos tornando-os mais lúdicos aos olhos dos estudantes.

3.3 Repertório e uso de instrumentos musicais no ensino remoto

Em suas aulas assíncronas, a professora Maria relata que utiliza, basicamente, três instrumentos musicais que são o violão, o ukulele e a flauta, instrumento em que ela se formou. Além desses instrumentos citados, a professora já usou uma variedade de instrumentos de percussão da cultura popular como: ganzá, agogô, cobel e etc. A utilização desses instrumentos tem como função principal o acompanhamento da voz cantada, no entanto, no caso da flauta, a professora Maria utiliza para atividades de percepção de grave, agudo e intervalos da escala maior ou menor.

Embora o uso dos instrumentos musicais nas aulas da professora Maria tenha mais uma função de acompanhamento, ela destaca que o fim é pedagógico, pois com os instrumentos ela consegue, além de acompanhar o canto, explicar conteúdos musicais em suas aulas.

Ao falar de repertório, a professora afirma que na maioria das vezes utiliza o mesmo repertório para várias turmas, porém diversifica as propostas de acordo com cada turma. Nesse sentido, um dos critérios que a professora usa para escolha de repertório é a cultura popular da comunidade onde os alunos moram. Maria diz que lá no bairro onde ministra as aulas, a comunidade tem uma cultura tradicional muito interessante como: “escola de samba, tem urso², tem quadrilha, tem índios (na verdade os índios são de mandacaru, mas é muito próximo e rola um diálogo ali). Então, é um bairro que tem uma cultura tradicional muito forte” (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021). Outro critério é o gosto pessoal da professora que se confunde com as manifestações culturais que ocorrem na comunidade, tendo em vista que ela cresceu vendo essas manifestações e, por fim, o último critério usado é a facilidade de trabalhar elementos musicais através do repertório infantil.

Ainda em relação à escolha do repertório usado nas aulas remotas, a professora explica que os alunos não participam de forma direta, ou seja, a escolha é feita a partir de sua

² La Ursa, Ala Ursa ou Urso são formas de denominar a brincadeira que, no contexto carnavalesco, apresenta como personagem principal a figura do urso.

experiência com as turmas que já vem acompanhando há tempos e que, segundo ela, é possível saber basicamente aquilo que agrada aos alunos ou que eles querem trabalhar nas aulas.

3.4 Principais aprendizados docentes no período de pandemia.

Nesse período de pandemia cada um de nós, certamente, teve algum ou muitos aprendizados e com a professora Maria não foi diferente, para ela o primeiro aprendizado foi que ter um grupo de WhatsApp com os pais dos alunos é muito benéfico quando se está ministrando aulas à distância. Ela afirma que,

Esse contato, essa aproximação com os pais é muito mais benéfica do que eu pensava que era. Eu sabia que era preciso uma aproximação com a família, mas ficava com um pé atrás, aí eu vi que é importante ouvir os pais e as famílias, conhecer mais sobre aqueles alunos. Isso foi uma aprendizagem que as aulas remotas trouxeram. (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021).

Outro aprendizado importante foi sobre a adaptação, o fato de estar exposta a uma situação como essa que a pandemia da Covid-19 trouxe, fez a Maria ver que realmente cada um de nós temos essa capacidade de aprender, buscar e melhorar em tudo que fazemos. Além disso, completa com um ditado popular dizendo: "A gente conseguiu 'dar nó em pingo d'água'. Foi super cansativo, mas no final traz essa sensação de que aprendi muitas coisas nessa pandemia". (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021).

O último aprendizado que a professora cita sobre a docência nesse período de pandemia, é que a carga horária de trabalho acaba sendo vivenciada de uma maneira bem diferente da presencial, ela relata que a carga horária de interação com a turma no período de aulas remotas diminuiu em relação a presencial, no entanto, o processo de pesquisa, ensaio, gravação e edição dos vídeos para enviar aos alunos supera a carga horária presencial e nesse sentido, ela completa dizendo "[...] eu acredito que a carga horária no período remoto aumenta, não chega a dobrar, mas é maior sim, sem contar nas vezes que dá erros nas gravações. Todo esse processo é muito trabalhoso!". (Entrevista, MARIA, 20 de Maio, 2021).

A partir dessa colocação da professora, faz-se necessária uma reflexão acerca daquilo que desenvolvemos nas atuais condições de ensino, tendo em vista que a relação tempo e espaço das aulas no ensino remoto emergencial é bem diferente do presencial. Portanto, a esse respeito, talvez seja preciso "pensar em práticas que sejam compatíveis com esse tempo

virtual, que ‘escorre’ pelas mãos, que não é palpável e que pede outro formato de concentração, de ser e de estar neste mundo”. (BELTRAME, 2021, p. 91).

4 PROFESSOR JOÃO

4.1 Trajetória como professor de artes

O professor João iniciou sua trajetória como professor de música ainda quando cursava a graduação na UFPB, curso de Licenciatura em Práticas Interpretativas - instrumento Clarinete. No segundo período da graduação, ele começou ser instrutor de uma banda marcial, essa experiência durou 10 anos, e em meio a essa atuação como professor de música, ele também participou do PRIMA (programa de inclusão através da música e das artes), desta vez, atuou de 2014 a 2021. Para ele, essas foram as principais experiências que teve durante sua trajetória como professor. Além disso, ele diz que participou de projetos do governo como o mais educação, projeto em igrejas e etc, “todos eles voltados ao ensino de instrumentos”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Após concluir a graduação em música, em 2015, o professor João fez um concurso para professor de artes/música no Rio Grande do Norte e em 2018 foi convocado para assumir o cargo. A experiência em sala de aula presencialmente como professor no RN foi de 2018 ao início de 2020, a partir daí, as aulas começaram a ocorrer de forma remota. Em 2021, o professor relata que iniciou as aulas de música aqui na Paraíba como professor do Estado na cidade de Alhandra já de maneira remota. Para ele essa experiência está sendo bastante interessante. Em suas palavras,

Inclusive essa coisa da aula remota é curiosa, porque hoje eu sou professor do estado na cidade de Alhandra e eu nunca coloquei nem os pés lá. Eu tomei posse, me apresentei a escola virtualmente, já me colocaram lá em 10 grupos de WhatsApp e disseram: “professor vai”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Segundo o professor João, o que ajudou bastante a iniciar aqui na Paraíba remotamente foi a experiência no ensino remoto lá no Rio Grande do Norte que teve início em 2020 e possibilitou uma ideia de como funciona essa modalidade de ensino em escola pública.

4.2 Aulas de música durante a pandemia

Ao iniciar o diálogo sobre as aulas de música durante a pandemia, o professor João afirma: “Eu acho que o ensino remoto, de maneira geral, é importante, porque se não fosse ele os alunos estariam em casa parados”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021). Para ele a aula de música nesse formato remoto tem seus ganhos, mas também dificuldades, tanto que, no início, ele pensou como iria ministrar aulas para tantas turmas de maneira síncrona, então ele resolveu planejar aulas assíncronas. No início, o número de participantes era grande e depois ia caindo até acabar o ano com poucos participantes.

Contudo, o professor João pensa que se através das aulas remotas o professor está conseguindo chegar até os alunos, isso já é muito importante, mesmo não havendo muitos *feedbacks* por parte dos alunos, o fato de conseguir ministrar aula nesse período é muito positivo.

Após o ano de 2020 e as primeiras experiências de aulas remotas, o professor João relata que nesse ano de 2021 organizou horários e começou a ministrar aulas síncronas “[...] eu precisava ter essa experiência para entender se eu ia alcançar o aluno ou não [...]”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021). A partir daí, o professor organizou e começou a atender as turmas ministrando aula de 8 às 9 da manhã. Com as aulas síncronas, o professor começou a ter uma experiência diferente e por consequência disso, chegou a algumas conclusões interessantes como, por exemplo: o fato das aulas serem mais interessantes para os alunos, motivando também o professor, pois como ele diz “[...] eu já estava meio no automático”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Na medida que novos alunos chegavam e as turmas se formavam, o professor foi agrupando os alunos do mesmo ano, ou seja, em cada sala virtual, colocava até 4 turmas juntas, o que dava um total de aproximadamente 100 alunos por sala. Esses alunos em sua maioria novatos que, para ele foi muito interessante, pois os alunos vieram bastante sedentos pelas aulas e queriam participar, então o professor ao ver todos esses pontos positivos pensou consigo mesmo “[...]voltar a dar essa aula síncrona deu uma vida. Eu pensei: ‘há esperança’”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Ao continuar falando sobre o ensino remoto emergencial, o professor conta sobre alguns benefícios que ele tem notado ao ministrar aulas síncronas, o primeiro que cita está relacionado a músicas no youtube no intervalo de uma aula para outra. Ele explica que o tempo disponível para sair de uma aula e entrar em outra é bastante curto e para ganhar tempo, ele coloca uma música no youtube 5 minutos antes de se apresentar aos alunos,

geralmente escolhe músicas bem distantes da realidade dos alunos, frequentemente são músicas relacionadas aos assuntos abordados na disciplina, ele faz isso propositalmente para despertar a curiosidade da turma e isso vai abrindo outras possibilidades.

O segundo benefício é o compartilhamento de tela, ao surgir uma dúvida por parte dos alunos, para explicar, o professor vai lá compartilha a tela com um site e mostra-lhes a resposta ou um conteúdo específico para tirar aquela dúvida. Nesse sentido, o professor completa dizendo:

É uma dinâmica que eu gostaria de ter na sala de aula presencial, mas é mais difícil. Apesar de ter internet na escola, eu ter o notebook, data show, caixa de som, a conexão não é muito boa e você acaba ficando limitado. Então estar na internet e tá podendo fazer esses links tem sido muito interessante. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Ao começar a ministrar aulas aqui no estado da Paraíba em 2021, o professor conta que a experiência foi bem diferente em relação ao que ele vinha tendo com as aulas remotas no Rio Grande do Norte. Ele fala que as aulas remotas de maneira síncrona aqui na PB, na referida cidade, ficam inviáveis por conta de alguns fatores, tais como: a organização dos horários para ministrar aulas, ou seja, cada disciplina fica apenas com uma hora disponível para atender todas as turmas, então o professor, nesse horário disponível, disponibiliza material para todas as turmas.

No entanto, mesmo que as aulas ocorram de maneira assíncrona, o professor destaca o fato dos alunos do fundamental 2 entrarem em contato com o professor via WhatsApp enquanto fazem as atividades assíncronas para tirar dúvidas. Para o professor João esse momento acaba sendo síncrono, como afirma com suas palavras “então por mais que a aula não seja síncrona, mas aqui o momento é síncrono por conta disso”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Então, de maneira geral, o professor João conclui seu relato sobre as aulas de música durante a pandemia dizendo que, de certa forma, “as aulas online excluíram muito se a gente for falar de acesso”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021). Quando se pensa em acesso à Internet, o professor fala que há alunos que sobem na árvore para mandar um WhatsApp, outros que vão buscar atividades impressas por não ter acesso à Internet. Então vendo por esse ângulo, o ensino remoto ainda é excludente, sobretudo quando se trata de escola pública em municípios ou comunidades mais carentes, até porque ter aulas a distância foi algo que veio sem ninguém esperar e pegou a todos de surpresa, “apenas chegou”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Reafirmando que essa situação pegou a todos de surpresa, o professor fala que só agora em 2021 está ocorrendo uma formação para os professores aqui na PB. Essa formação é voltada ao ensino híbrido e com ela ainda veio uma nova proposta do governo estadual que promete dar suporte não só aos professores, mas também aos alunos. Trata-se de equipamentos como: *notebooks* e chips para os professores e chips para os alunos. Em suas palavras:

Eu vejo isso como um avanço significativo, o problema do acesso você não resolve, porque ainda vai ter aluno que não consegue. Mas já tem uma política pública pensando nisso que vai amenizar de maneira muito forte a exclusão desses alunos no ensino remoto. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

4.2.1 Estrutura e desafios docentes e discentes

Sobre comparar as aulas presenciais com as remotas, o professor João considera que cada uma tem suas especificidades. Para ele, as aulas remotas não têm contato pessoal com os alunos, de forma que essa relação a distância através de uma tela ou mensagens de texto e documentos é muito fria, ainda mais de maneira assíncrona como está sendo no município de Alhandra, PB.

Além disso, no que diz respeito aos desafios enfrentados pelo professor, ele relata que ensino remoto emergencial, de uma maneira geral, é bem mais complexo perceber o quanto o aluno tem aprendido, pois no ensino presencial tem como analisar certos aspectos que dão sinais de que o aluno está prestando atenção ou entendendo o assunto explicado. O professor ainda diz que de maneira remota, para obter uma resposta dos alunos é preciso mandar um formulário ou no caso da aula síncrona, perguntar diretamente ao aluno, que muitas vezes, nem responde.

Sobre os desafios enfrentados nas atividades assíncronas, o professor fala algo bastante interessante que nos faz refletir sobre o quão distante é uma aula remota de uma presencial e termina falando sobre a falta que faz o modo presencial de ministrar as aulas.

Quando eu sento para corrigir, tem respostas que eu vibro porque o aluno entendeu, mas é um aluno que eu não lembro do rosto dele. Aí pra saber quem é eu tenho que ir no sistema, da escola ou grupo do WhatsApp e muitas vezes nem acho. De fato, eu sinto falta do humano de ver todos os alunos presencialmente. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Dentre os desafios enfrentados pelo professor, o maior deles é incentivar os alunos a participar das aulas, ou seja, cativar esses alunos para eles poderem continuar participando das aulas com entusiasmo, isso é recorrente também na sala de aula presencial, em menor grau, mas também ocorre.

Em meio a todo esse processo de atividades remotas, pensar sobre a participação dos alunos é algo bastante importante, nesse sentido, o professor João reafirma dizendo que a participação dos alunos ocorre de maneira variada, como explica:

[...] Tem aqueles que fazem as atividades de aula que é aquele grupo menor, cerca de 30 por cento dos alunos de cada turma participam toda aula, tem aqueles que entram em contato depois pedindo o arquivo que não conseguiu abrir o *forms* que é uma porcentagem menor e tem aqueles que vão buscar material na escola. Mas o número de matriculados e aqueles que participam ainda é bem diferente. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

A partir dessas palavras do professor João, nota-se que uma pequena parcela dos alunos participavam das atividades e ao ser indagado a respeito disso, ele lista alguns possíveis motivos que se caracterizam como desafios discentes: o acesso à internet, a falta de aparelho celular em casa para assistir ou o fato de muitas vezes a família dispor de um único aparelho e quando o pai ou a mãe saem para trabalhar levam consigo impedindo que os filhos recebam e respondam às atividades, ou seja, como diz o professor. “A falta de acesso ao aparato tecnológico é um dos principais motivos”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Além disso, o professor diz que, em meio a todos esses desafios enfrentados pelos discentes, o maior deles é a organização e sistematização dos estudos. Para o professor João, conseguir se organizar e planejar para as aulas encaixarem na rotina é bem complexo para os alunos do fundamental 1 e 2, sobretudo as aulas remotas, como afirma ao dizer que “[...] para essa fase da vida, o ritual de acordar, tomar banho, tomar café, colocar a farda e ir para escola faz parte da formação nessa fase”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Além desse desafio maior citado pelo professor, ainda existem outros desafios externos enfrentados pelos estudantes como: “desigualdade social que vai ter aquele aluno com condições de ter o material para estudar e o outro não, outro é filho único e outro que tem 10 irmãos dentro de casa e etc”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

4.2.2 Formato da aula: síncronas e/ou assíncronas

As aulas ministradas pelo professor João aqui na Paraíba são todas assíncronas, de modo que ele manda as atividades sempre em formato pdf, vídeo curto e questionário online. O professor João diz que organiza as aulas dividindo em partes, a primeira parte é uma introdução via mensagem postada no grupo de WhatsApp, a segunda é um arquivo em pdf com o texto base para atividade, a terceira parte é um link com questionário do google forms para que os alunos respondam de maneira online, e se for necessário, uma quarta parte que é um vídeo do Youtube, se for muito longo o professor edita e posta no grupo da turma ou ele mesmo grava uma videoaula curta falando do tema específico. O professor destaca que o vídeo é curto para que os alunos consigam baixar com os dados móveis, já que a maioria só tem essa opção de internet.

4.2.3 Recursos e plataformas

Dos recursos e plataformas utilizadas pelo professor João, ele diz que na edição de vídeo não utiliza nenhum específico, quando ele tem necessidade, procura o mais acessível ou até utiliza a edição online através de sites como um recurso facilitador desse processo. Um fato interessante que o professor relata é que, por não ter um computador adequado para as edições de áudio e vídeo, deixou de gravar vídeos longos e ao invés disso, faz vídeos curtos para evitar uma edição mais complexa. Além disso, ele conta que chegou a utilizar a própria TV como recurso para apresentar slides, mas tinha problema de iluminação, então isso serviu como aprendizado e com isso, ele chegou à conclusão de que “filmagem e edição não vai ser o caminho que vou seguir”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Para edição de áudio, o professor utiliza uma ferramenta simples, mas funcional que é o Audacity. No entanto, deixa claro que não é sempre que usa áudios em suas aulas, por isso também utiliza ferramentas como PowerPoint e Word para montar suas atividades. Falando do PowerPoint especificamente, o professor diz que ele dá muitas possibilidades e destaca a função de adicionar um arquivo de áudio para que os alunos consigam reproduzir em meio a leitura do texto ou atividade.

Algo curioso é que antes da pandemia, o professor já utilizava o Audacity para trabalhar em sala de aula, ele diz que nas aulas presenciais já fez um projeto relacionado a produção musical e que alguns dos alunos conseguiam fazer criações musicais utilizando apenas o celular. O professor ainda fala sobre *mashups*, antes da pandemia teve um momento

de grande destaque nesse tipo de recurso e então ele relata levar alguns exemplos para sala de aula e os alunos amavam, bem como conseguiam fazer seus próprios mashups e se divertiam muito enquanto aprendiam.

Aqui o professor enfatiza que trazer essa categoria de conhecimento tecnológico para sala de aula, às vezes era complicado e esse era um esforço que ele fazia independente dos desafios. Além disso, o professor fala que existem escolas que proíbem o uso de celular em sala de aula, o que tornaria inviável trabalhar com esse recurso. Embora as escolas tenham sala de informática, na maioria das vezes os equipamentos não funcionam bem e como professor João diz “Eu espero que com a volta das aulas as escolas tenham mais incentivo nesse sentido”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Sobre o uso das plataformas, o professor João fala sobre algumas que ele tem feito uso neste período de aulas remotas como, por exemplo, o Google Classroom. Para ele essa ferramenta é bastante útil, pois ela permite organizar os conteúdos por disciplina e por aula, disponibilizar vídeos, pdfs e etc, permitindo que, a qualquer momento, os alunos consigam ter acesso sem precisar de auxílio direto do professor. No entanto, aqui na Paraíba, a principal plataforma que o professor utiliza ainda é o WhatsApp, pois como diz com suas palavras, “na escola onde eu trabalho todos usam o WhatsApp seguindo o roteiro de horário e colocando suas atividades no grupo de WhatsApp”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Se tratando de vantagens e desvantagens encontradas nas plataformas, o professor João fala sobre algumas encontradas no WhatsApp. A vantagem encontrada: “é o fácil acesso, o aluno tá com o celular e chega a notificação, ele já sabe que é a aula, já abre, já direciona”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021). Sobre as desvantagens encontradas no WhatsApp, ele destaca ser o fato dos arquivos postados no grupo de WhatsApp se perderem com muita facilidade, pois além dele, outros professores também postam e com isso as informações se misturam gerando esse problema, e fazendo com que o aluno tenha que entrar em contato no privado para que o professor ajude a localizar o conteúdo em meio a tantos outros.

4.2.4 Atividades e estratégias para engajamento dos alunos nas aulas

Conforme já mencionado, o professor utiliza um roteiro padrão de organização das atividades, contudo, algumas vezes, ele diversifica, propondo atividades de gravação para que os alunos gravem algo em casa e enviem e outras vezes pede atividades relacionadas a outras áreas da arte como desenho, pintura ou algo semelhante. Essa atividade desperta interesse dos

alunos: “é muito surpreendente quando você pede para eles pintarem algo, desenharem assim”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Sobre as atividades de gravação e imagens, o professor solicita que eles enviem de forma privada via WhatsApp. Para ele, essa forma ainda é a melhor maneira, pois se for por email ou google forms os alunos terão que fazer *upload* de arquivos e muitos não têm habilidade com esses recursos, o que acaba exigindo mais tempo para explicar a todos como fazer o processo, então ele conclui dizendo que “a minha maior intenção é facilitar a informação para eles, por isso faço dessa forma” (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021). O problema dessa estratégia é que, por existir uma grande quantidade de grupos, torna-se difícil organizar os arquivos depois.

Ao discorrer sobre estratégias usadas para as atividades no ensino remoto, o professor fala que não usa nenhuma estratégia que possa chamar a atenção dos alunos, como muitos outros professores fazem, como ele diz “eu não tenho esse perfil de usar recursos para chamar atenção dos alunos”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021). Ao falar sobre isso, ele argumenta que um dos fatores que possam ter contribuído para ele agir dessa maneira, seja o costume de ministrar aulas apenas para o ensino médio e só agora, esse ano, começar a trabalhar com turmas do ensino fundamental.

Ao final desse diálogo sobre as estratégias, o professor ainda ressalta que a característica de criar diálogos e estratégias para chamar a atenção dos alunos é uma característica bem interessante nos outros colegas professores, mas que de sua parte, ele não realiza e que a forma que conduz a sua aula é a seguinte:

Eu sempre trabalho com imagens, áudios, eu tento ilustrar o máximo possível e coloco pouco texto, porque alguns alunos do fundamental 2 ainda tem alguma dificuldade de leitura, e o que eu posso colocar de áudio, de imagem, eu vou colocando pra ver se a informação chega mais fácil. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Então a partir de suas palavras é possível notar que ao invés de usar estratégias para chamar atenção dos alunos em suas atividades, o professor João utiliza uma estratégia para ajudar no entendimento da atividade que é gravar um áudio resumindo o texto e como fazer a atividade.

4.3 Repertório e uso de instrumentos musicais no ensino remoto.

Sobre a utilização de instrumento musical nas aulas ministradas de maneira remota, o professor João relata que ainda não utilizou nenhum instrumento físico, mas sempre reproduz áudios e mostra fotos de instrumentos. No entanto, ele conta que na época que estava cursando a graduação fez uma ferramenta de aprendizagem no PowerPoint para o ensino de música para a pessoa surda. Então numa aula de instrumentação e gênero musical para os alunos do ensino fundamental, ele utilizou essa ferramenta que é uma espécie de joguinho para ministrar essa aula. De forma geral, só foi usado algo relacionado a instrumentos musicais deste modo, ou seja, não houve nenhuma atividade tocando algum instrumento musical e ainda o professor ressalta que “da maneira que as aulas estão se configurando, acho que não cabe muito a ideia de tocar o instrumento”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Com relação ao repertório, o professor relata que na Paraíba se tem um currículo de música baseado na BNCC³ e portanto, para cada ano escolar consegue trabalhar um repertório específico baseado nas sugestões encontradas no currículo estadual como por exemplo: No sexto ano o repertório é relacionado a artistas locais, no sétimo ano é o repertório com ênfase nos elementos fundamentais da música como propriedades do som e no oitavo ano o repertório é direcionado a música como função social.

No que diz respeito aos critérios para escolha desse repertório, o professor se baseia no currículo estadual e analisa quais músicas se encaixam mais com o assunto trabalhado. De maneira geral, ele esclarece que os alunos não participam da escolha do repertório. No máximo, o que ele já fez foi como ele mesmo diz “no início do semestre eu coloquei uma foto de todos os artistas para eles identificarem, perguntar aos pais, mas essas ideias de eles participarem da escolha não”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021). No entanto, como professor, o João sempre tenta escolher músicas mais populares que os alunos conheçam ou de alguma maneira já tenham ouvido.

4.4 Principais aprendizados docentes no período de pandemia.

³ A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) é um documento de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica.

O professor João começa a falar sobre os seus aprendizados nesse período de pandemia com uma frase bastante interessante “é um todo, não que eu não soubesse fazer o que eu faço agora, mas é que eu não fazia”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Nesse sentido, o professor João explica que até tem colegas que já ministravam aulas online antes da pandemia, mas ele não, antes da pandemia ele só usava computador basicamente para planejar suas aulas, portanto ele deixa claro que o ensino remoto é algo novo para ele e o aprendizado foi desde pensar o que se cabe numa aula remota e a quantidade de conteúdo que se usa, até o tempo que o aluno aguenta ter aula de maneira virtual, bem como, “planejar as aulas, que ferramentas utilizar, quanto tempo vai ser necessário para planejar ou dar uma aula, como vai ser o feedback dos alunos”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

Além de muito aprendizado, é possível que todos nós, como docentes, tenhamos passado por alguma dificuldade relacionada às aulas nesse período remoto, e com o professor João não foi diferente, através de seu relato, ele fala que foi muito desafiador, pois nesse momento de aulas remotas a forma de dar aulas de maneira assíncrona postando os conteúdos num grupo com vários outros professores é uma forma mais exposta de se trabalhar e essa foi a primeira dificuldade que o professor relata. A insegurança na maneira de conduzir ou produzir os conteúdos para suas aulas. Ele explica que no início foi bem difícil, porque ele ficava pensando na qualidade de suas aulas, mas depois de conversas com colegas de trabalho e o aprendizado com a própria prática, tudo foi ficando mais fácil e as dificuldades foram contornadas.

Além dessa alternativa de conversa com os colegas de trabalho, o professor João ainda buscou outras maneiras para contornar as dificuldades como “pesquisar coisas novas, revisar algumas coisas que já estudara antes e conversar com colegas de perto e de longe buscando informação em vários contextos para ir sanando as dificuldades”. (Entrevista, JOÃO, 3 de Junho, 2021).

A organização da rotina de trabalho foi ainda outro aprendizado importante dos professores em seu contexto escolar, tendo que aprender a organizar e otimizar o seu tempo. Sobre isso, o João explica como foi esse aprendizado falando que a segunda feira pra ele é o dia mais cheio em relação às aulas, pois como ministra aulas em dois estados diferentes, tem semana que os horários coincidem sendo preciso aprender a organizar seu tempo para conseguir dar conta de ministrar as aulas no mesmo dia em horários próximos. Por exemplo, ele diz que enquanto ministra aula a uma turma de forma síncrona, envia atividades para outras turmas com aulas assíncronas. Isso nos faz perceber que essa é uma especificidade

impossível de ser realizada presencialmente. No entanto, mesmo que isso seja algo possível de ser feito no ensino remoto, pode não ser positivo, já que a atenção fica dividida e pode acabar prejudicando a forma de se trabalhar.

Em resumo, o atendimento às turmas de aulas síncronas e assíncronas na segunda-feira se estendem das 8 às 22 horas. O restante da semana é dividido em planejamento e assistência aos alunos que ficam com dúvidas..

Ao final de todo esse diálogo sobre aulas em período de pandemia, eu faço o último questionamento ao professor a respeito de sua carga horária de trabalho. Ele responde que isso é algo relativo, pois nas aulas remotas ele gasta mais tempo planejando do que dando aula, mas de forma geral, o trabalho é o mesmo, ele ministra a carga horária que precisa e com um ganho a mais que é o tempo de deslocamento, que durante a pandemia, não foi preciso usar.

5 ARTICULAÇÃO ENTRE AS PRÁTICAS E EXPERIÊNCIAS DE JOÃO E MARIA

Com a situação vivida no mundo atualmente, os gestores de sistemas educacionais tiveram que tomar importantes decisões que foram cruciais para que os estudantes, tanto de escola regular, como faculdades espalhadas por todo o mundo, pudessem continuar estudando. Neste trabalho busca-se entender um pouco mais como isso ocorreu em duas situações de ensino específicas a partir das experiências do professor João e da professora Maria que, através das entrevistas a mim concedidas, contaram um pouco dessa experiência que eles têm vivido ao ministrar aulas nesse período remoto emergencial. Segundo Barros (2020), o conceito de Ensino Remoto Emergencial (ERE) a partir de Hodges *et al.* (2020) tem como principal característica “[...]apresentar soluções temporárias de educação completamente remota e/ou híbrida para situações originalmente presenciais, com possível retorno ao formato inicial após o período agudo da crise”.

Nesse sentido, esse capítulo abordará diversos pontos em comum e divergentes que os dois professores narraram e estarão organizados seguindo as mesmas categorias dos capítulos anteriores.

5.1 Trajetória de formação e atuação

A trajetória de formação dos dois professores seguiu um caminho semelhante, já que os dois cursaram licenciatura em música na Universidade Federal da Paraíba e ainda começaram a ministrar aulas enquanto faziam o curso. Contudo, a experiência que os dois tiveram foi diferente em relação ao ensino, pois enquanto o professor João iniciou em banda marcial, a professora Maria teve sua primeira experiência na musicalização infantil que era um projeto de extensão da própria UFPB.

É interessante pensar que ambos tiveram a formação no curso de licenciatura em música, cujo objetivo é a preparação para ser professor de música em escolas regulares de ensino fundamental, médio ou especializado. No entanto, compreendendo “as licenciaturas em música como um subcampo caracterizado pela inter-relação entre o campo artístico e o campo educativo” (PEREIRA, 2014, p. 92), vemos que as licenciaturas ainda apresentam traços do *habitus conservatorial*, e isso dificulta que os professores tenham uma formação mais ampla. No texto de Barros essa articulação com o *habitus conservatorial* (PEREIRA,

2014) aponta que isso implica em maior dificuldade dos professores em relação “às práticas musicais geradas pela cultura participativa digital” (BARROS, 2020, p. 293).

Esse fato das licenciaturas no Brasil terem a referida característica, trouxe consigo várias dificuldades para os professores pesquisados, sobretudo agora nesse período remoto emergencial que exige dos professores que tenham conhecimento sobre o uso de tecnologias digitais para ministrar suas aulas. Voltarei a falar de tais dificuldades mais a frente neste capítulo.

Após o curso de licenciatura, os professores Maria e João fizeram concurso público e conseguiram êxito começando assim a exercer o cargo de professores de arte/música em escolas regulares. Além disso, os dois cursaram, na mesma universidade, o mestrado em Música, área de concentração Educação Musical, possibilitando ainda mais experiência e conhecimento para lidar com a profissão. Hoje em dia, cada professor vive uma experiência distinta, o João ministra aulas em duas escolas públicas para alunos de fundamental anos finais e ensino médio e a professora Maria, por sua vez, ministra aulas para crianças do ensino fundamental anos iniciais e também em escola especializada do estado da Paraíba. Além dessa diferença entre faixas etárias e contexto de ensino, os professores também têm uma especificidade no que diz respeito à localidade onde ensinam. Enquanto o João ministra aulas em 2 estados diferentes, Rio Grande do Norte e Paraíba, a professora Maria ministra aulas em duas escolas do mesmo estado, Paraíba.

5.2 Aulas de música durante a pandemia

Para ambos os professores as aulas de música durante a pandemia tiveram muitas dificuldades. Nesse sentido, ao refletir sobre o ensino de música nesse contexto pandêmico, logo pensamos sobre aquilo que Barros (2020) coloca ao dizer que:

A impossibilidade de realização de atividades musicais presenciais e a dificuldade de adequação de práticas e instrumentos musicais convencionais ao ambiente on-line fazem com que o professor de música se volte às possibilidades e ferramentas de criação, difusão e performance musicais no meio digital. (BARROS, 2020, p. 295).

Como já mencionado em capítulos anteriores, essa dificuldade citada por Barros (2020), teve bastante presente no início desse período de aulas remotas, sobretudo a quem ministra aulas de instrumentos musicais específicos. Essa mudança conceitual foi algo necessário para nós professores obtermos êxito nas aulas remotas, pois através dela, pudemos

refletir sobre nossas práticas adequando os conteúdos musicais ao atual contexto de ensino, assim como os professores Maria e João fizeram em suas práticas.

Além dessas dificuldades, ainda muitos de nós nos deparamos com outros problemas que, de certa forma, tornaram a rotina das aulas remotas ainda mais cansativa. Como relatou anteriormente a professora Maria, a rotina do *home office* trouxe consigo diversos problemas de saúde como afirma Von Randow *et al* (2021, p. 2): “[...]o trabalho em *home office* não é de todo positivo, pois no que colabora para evitar a contaminação pela Covid-19, contribui para que surjam problemas para os trabalhadores, como, sobrecarga de tarefas bem como danos físicos e mentais à saúde destes”.

Por outro lado, para os alunos, o acesso às ferramentas necessárias para ter as aulas na pandemia foi difícil e esse é mais um ponto que ambos os professores identificaram por suas experiências ministrando aula durante a pandemia, muitas vezes essa dificuldade se dá devido tanto às condições de distanciamento social que a pandemia impõe, quanto a “[...] desigualdade social que se relacionam as limitações de acesso às tecnologias digitais da informação e comunicação - TDIC [...]”. (NASCIMENTO E OLIVEIRA, 2020, p. 2).

Pensando no contexto de escola da rede pública de ensino onde esse tipo de dificuldade em relação ao acesso é mais recorrente, buscou-se uma alternativa para aqueles alunos com mais dificuldades de acesso: os professores produziram atividades em PDF para que esses alunos pudessem receber de maneira impressa uma vez por mês, responder às atividades manualmente e dar um retorno a eles. Essa solução foi recorrente em diversas escolas, sobretudo as localizadas em áreas periféricas que atendem um público mais carente.

Se tratando de tais dificuldades de acesso, a professora Maria afirmou não haver vantagens em ministrar aulas no ensino remoto emergencial para os seus alunos de escola pública, pois como citado acima, o acesso desses alunos às ferramentas digitais básicas como celular, notebook ou tablete, é limitado e acaba prejudicando o processo de ensino e aprendizagem. Essa colocação que a professora traz, nos faz refletir se ao invés de enxergar este ponto como vantagem, pudéssemos ter um olhar mais sensível e colocar isso como um desafio, ou seja não se teve ganhos quando se trata de ensino remoto emergencial para os alunos de escola pública no contexto citado pela professora. Deixando claro que cada escola possui suas especificidades no que diz respeito a recursos para o ensino e a percepção do professor(a) pode variar de acordo com diversos aspectos como: Bairro, perfis dos alunos, cidade, classe social, etc.

Já o professor João conseguiu identificar alguma vantagem em relação às aulas remotas, mesmo com dificuldade de acesso por parte dos alunos, o professor diz que nas aulas

remotas é possível fazer diversas atividades como ouvir música no Youtube no intervalo de uma aula a outra ou mostrar ilustrações na tela enquanto explica algo. Isso é apontado também por Beltrame (2021, p. 92) quando afirma que atividades como essas “foram facilitadas pelo fato de estarmos todos no mesmo espaço, que são as salas virtuais (ambientes virtuais de aprendizagem, Youtube, mídias diversas)”. Aqui é possível refletir e enxergar o que é colocado como vantagem pelo professor, como ganho ou contribuição que este formato de ensino nos trouxe e assim como o professor João e Beltrame (2021) muitos de nós conseguimos ter esta percepção através dessa experiência do ensino remoto emergencial.

É necessário lembrar de que fazer tais atividades de maneira presencial exigiria muito mais esforço do professor para levar equipamentos como datashow, caixa de som e microfone, sem falar que muitas vezes as escolas não possuem os equipamentos necessários e tais atividades acabam ficando inviáveis de serem feitas.

5.2.1 Estrutura e desafios docentes e discentes

Além das dificuldades mencionadas pelos docentes, houveram ainda diversos desafios que tanto os professores, como os alunos tiveram que enfrentar diante da pandemia Covid-19, como exemplo diz Lima (2020): “para que seja possível fazer um encontro virtual [...] é necessário que todos e todas tenham acesso a internet banda larga, tenham um computador, tablet ou celular e já tenham tido um treinamento com as plataformas de ensino [...]” e esse desafio foi bastante recorrente nas turmas dos professores Maria e João que praticamente não tinham aparelhos adequados para acompanhar as aulas, nem uma internet banda larga. Nesse sentido, para contornar essa situação, os professores tiveram que atender de maneira assíncrona, os alunos tiveram que usar os aparelhos de seus pais, internet de pacote de dados e aprender a manusear os arquivos digitais com a ajuda de seus professores.

Dos desafios citados anteriormente, entre outros, cada professor conseguiu identificar aquele que foi mais difícil de ser contornado por parte dos discentes. Para a Maria, o maior desafio discente foi fazer os alunos entenderem a proposta da atividade sugerida em suas videoaulas, já que esse formato foi uma das alternativas encontradas por ela para contornar os problemas causados pela limitação de recursos enfrentadas por seus alunos como descrito no parágrafo anterior. Para João o maior desafio encontrado foi a organização e sistematização dos estudos por parte dos alunos que além de enfrentar todos os desafios de acesso às ferramentas necessárias, ainda tiveram que conseguir se organizar e se planejar para dedicar

um espaço de seu tempo as tarefas e aulas remotas, tendo em vista que são alunos do ensino fundamental e que responsabilidade é algo que a maioria ainda está desenvolvendo.

Por outro lado, olhando para os desafios docentes, além dos vistos até agora, os dois professores concordam que a falta de retorno e a baixa participação por parte dos alunos nas aulas ou atividades propostas foi algo que os dois tiveram que lidar com muita frequência nesse período de aulas remotas, pois ambos os professores optaram “pela produção de videoaulas e materiais didáticos de outras naturezas, que seriam disponibilizados aos estudantes via grupos de WhatsApp ou postados no Youtube”. (WESTERMANN; PORTUGAL; RODRIGUES, 2020, p. 4). E se tratando de alunos do ensino fundamental, a dificuldade de acesso e a falta de organização ou entendimento das atividades fez com que esse desafio tenha sido ainda mais intenso para os professores.

Em comparação com a estrutura de aulas no ensino remoto emergencial com a presencial, os professores levantaram alguns aspectos: a professora Maria, por exemplo, relatou que a participação dos alunos nas aulas nesse ensino remoto emergencial em comparação com as aulas presenciais é algo contrastante, pois de maneira remota essa participação é muito reduzida, enquanto presencialmente os alunos participavam muito mais por estarem em sala de aula com os professores e colegas.

Já o professor João relatou não haver comparação entre as duas modalidades, pois nas aulas remotas não há contato pessoal com os alunos, o que torna a relação muito fria em relação à modalidade presencial. Essas observações feitas pelos professores acerca das duas modalidades de ensino são confirmadas com as palavras de Westermann, Portugal e Rodrigues (2020, p. 10) quando afirmam que, “mesmo com grupos de WhatsApp ativos e com muitos participantes, a comunicação não se mostrou efetiva. Muitos alunos perderam o engajamento com as atividades e não se manifestaram mais”. Ou seja, mesmo que as aulas ocorram de maneira remota, não têm o mesmo efeito das aulas em modalidade presencial, sobretudo no que diz respeito ao engajamento dos alunos e contato pessoal promovido pela interação entre professor e aluno.

5.2.2 Formato da aula: síncronas e/ou assíncronas:

Ambos os professores ministraram suas aulas remotas de maneira assíncrona em escolas da rede municipal e estadual da Paraíba. Como visto em seus relatos, a desigualdade social foi um fator determinante para a escolha desse formato, ou seja, a dificuldade de acesso dos alunos somados a falta de equipamento mínimo necessário para assistir às aulas, fez com

que as aulas assíncronas fossem as mais adequadas e inclusivas para o contexto de ensino público que cada professor atua. Nesse sentido, cada professor entendeu que o formato de aulas postadas em uma plataforma permitiria circunstâncias de acesso mais variadas nos horários mais convenientes e adequados para cada aluno, respeitando assim suas limitações. (WESTERMANN; PORTUGAL; RODRIGUES, 2020, p. 4).

Mesmo que os dois professores tenham escolhido realizar as aulas de maneira assíncrona, cada um teve sua maneira pessoal de organizar esse processo. A professora Maria gravou as aulas em formato de vídeos postados no youtube e postando os links no grupo de WhatsApp, já o professor João utilizou PDF, questionário da google e gravação de vídeos curtos, todos também enviados diretamente para o grupo de WhatsApp. A partir dessas experiências, é possível notar que a falta de treinamento nas plataformas de ensino online em meio a pandemia da covid-19 entre outros fatores já vistos anteriormente, fez com que o WhatsApp se tornasse o principal meio de comunicação entre os dois professores e seus alunos através dos grupos que “[...] acabou sendo o lugar por onde, muitas vezes, divulgamos materiais pedagógicos, arquivos necessários para as aulas, além de ser um espaço onde os próprios alunos aproveitavam para trocar vídeos, áudios e ensinamentos[...]”. (ALMEIDA, SANTOS E MARINHO, 2020, p. 5).

5.2.3 Recursos e plataformas

À parte daquilo que cada professor relatou, foi possível identificar que os dois professores usam o software livre Audacity para edição de áudios, tendo em vista que o programa permite fazer gravações e pequenas edições como cortes, mixagem entre outros. Antes da pandemia, cada professor já utilizava ao menos 1 programa de edição de áudio ou vídeo em suas aulas. No entanto, nas aulas ministradas no período remoto emergencial os professores utilizavam recursos distintos para fazer a edição de suas produções, como, por exemplo, a professora Maria usou diversos programas de edição de áudio e vídeo para fazer edições mais complexas enquanto o professor João usou os programas mais acessíveis de forma online, tendo em vista que suas edições eram bastante simples, com pequenos cortes.

Se tratando de plataforma, como diz Barros (2020), “O período de pandemia trouxe à tona uma série de plataformas que possibilitam o fazer musical digital” e além dessas, tivemos as plataformas de comunicação que foram muito importantes para continuidade do ensino de artes/música de forma remota sobretudo aqui no estado da Paraíba. Dentre essas plataformas, os dois professores utilizaram o WhatsApp para se comunicar com as turmas e

no caso da professora Maria ainda usou o Youtube para postar suas videoaulas. Contudo, o professor João não utilizou Youtube e teve a preferência de postar seus vídeos curtos direto no WhatsApp.

Essas escolhas foram baseadas na experiência que cada professor teve em relação às plataformas, pois como visto em seus relatos, a professora Maria acha o Youtube mais prático, pois os vídeos não ocupam a memória dos aparelhos e se tem um controle maior das visualizações. Por outro lado, João acha mais acessível o WhatsApp, pois chega a notificação e o aluno já consegue visualizar o vídeo.

4.2.4 Atividades e estratégias para engajamento dos alunos nas aulas remotas:

No quesito estratégias para engajamento dos alunos, sobretudo neste período de aulas remotas, muitos professores tiveram que inovar para manter os alunos participando das aulas e no caso dos professores entrevistados ocorreu algo bem interessante. Cada um dos professores utilizou estratégias diferentes para situações distintas, já que ambos têm opiniões divergentes sobre esse assunto. A professora Maria, por exemplo, usa estratégias para chamar a atenção dos alunos colocando nos vídeos que produz imagens, efeitos sonoros, entre outros elementos. Por outro lado, o professor João não usa essa estratégia e prefere apenas buscar formas de melhor explicar cada conteúdo para ajudar no entendimento de seus alunos.

Ao verificar essas opiniões de cada professor, mesmo que as entrevistas tenham ocorrido separadamente é possível refletir através de suas opiniões divergentes, sobre os diversos perfis de professores que possuem formas distintas de pensar colocando em prática aquilo que acreditam, respeitando o pensamento do outro. Certamente, muitos de nós buscamos, através de nossas pesquisas, absorver de cada site, texto, vídeo, etc, aquilo que foi mais conveniente e assim como os professores entrevistados conseguimos fazer, da nossa maneira, as aulas acontecerem de maneira satisfatória.

5.3 Repertório e uso de instrumentos musicais no ensino remoto:

O repertório a ser trabalhado nas aulas de música de forma remota no projeto de extensão relatado por Almeida, Santos e Marinho (2020) eram escolhidos a partir das opiniões dos alunos, ou seja, eles podiam “opinar sobre o aprendizado de determinadas músicas escolhidas por eles mesmos, testar tecnologias e dar suas opiniões sobre a metodologia adotada pelo monitor”. Contudo, nas aulas dos dois professores aqui entrevistados, os alunos

não participam de forma direta da escolha do repertório a ser usado nas aulas, esse fator, é bastante recorrente nas escolas de ensino regular ou até mesmo de ensino específico de música. Por esse motivo, ambos os professores utilizam um repertório mais popular entre seus alunos, facilitando assim a interação desses em suas aulas.

Mesmo escolhendo o repertório mais popular entre os alunos, os professores utilizam critérios divergentes, pois enquanto a Maria escolhe baseada em suas vivências musicais e dos alunos apoiando-se na cultura popular das comunidades locais, o professor João escolhe se apoiando no currículo de música do estado, dividido por ano escolar e analisa quais músicas se encaixam mais com o assunto trabalhado.

Outro ponto do qual os professores trabalham de forma distinta é no que diz respeito ao uso de instrumentos musicais em suas aulas, pois através de seus relatos foi possível constatar que a professora utiliza diversos instrumentos musicais em suas aulas para tornar as atividades mais lúdicas e interessantes. No entanto, o professor João não utiliza nenhum instrumento, deixando claro que ao invés de instrumentos musicais, ele utiliza apenas ilustrações, vídeos ou áudios como exemplos sonoros para seus alunos.

A cada opinião discutida aqui neste parágrafo, fica claro que cada contexto tem sua maneira de organização que pode variar também de acordo com cada professor devido a suas experiências docentes ao longo de suas trajetórias.

5.4 Aprendizados docentes no período de pandemia

Em meio a toda essa situação de distanciamento social causada pela pandemia da Covid-19, a maioria dos professores precisou se reinventar para continuar ministrando aulas de maneira remota, ou seja, esse período exigiu, de nós professores, assim como indica Barros (2020) a aproximação com os aplicativos, plataformas de videoconferências, google formulários, etc. E dessa forma, também aconteceu com os dois professores entrevistados que tiveram que aprender como otimizar seu tempo e organizar a rotina de trabalho para dar conta de tudo isso. Ambos concordam que foram muitos os aprendizados nesse período de aulas remotas, no entanto, discordam quanto a carga horária de trabalho no período remoto que para professora Maria aumentou, mas o professor João acredita que ao invés de aumentar, o trabalho continuou o mesmo com o desconto do tempo gasto com o deslocamento de sua casa para as escolas.

Para mim, a sensação que tenho é que de fato a carga horária aumentou, o trabalho em *home office* esgota as energias rapidamente e torna a rotina ainda mais cansativa no que diz respeito ao trabalho mental entre vários outros aspectos já vistos em parágrafos anteriores.

Também achei pertinente trazer aqui, ao fim deste capítulo, a opinião dos professores sobre o grupo de WhatsApp criado para comunicação com a escola, alunos e professores. Nessa direção, a professora acredita que ter um grupo de WhatsApp com os pais dos alunos é algo benéfico neste período de aulas a distância, ainda mais se comparado a relação que se tinha antes que era distante e de difícil comunicação. Já a opinião do professor acerca do WhatsApp se refere mais a parte profissional, pois para ele trabalhar a partir do WhatsApp expôs a maneira que ele desenvolve suas atividades para os demais colegas professores, o que no início, o inibiu um pouco, mas depois de algum tempo conseguiu contornar. De forma geral, baseado nas opiniões expressas pelos docentes entrevistados, o WhatsApp se fez muito útil em suas aulas já que é uma plataforma que a maioria dos alunos já utilizavam e conseguem manusear sem grandes dificuldades.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi possível perceber diversos aspectos em relação à atuação dos professores entrevistados neste período de Pandemia. Essa situação trouxe para a área pedagógica, de maneira geral, grandes desafios e no campo da música algumas estratégias específicas. Nesse sentido, cada reflexão dos professores entrevistados teve grande importância na construção dessa pesquisa que objetivou compreender como professores de artes/música desenvolveram suas atividades de ensino na pandemia.

Os relatos e as reflexões apresentadas foram sobre uma variedade de assuntos referentes a esse objetivo, dentre eles estão as aulas de música durante a pandemia, os desafios docentes e discentes enfrentados nesse período, o formato das aulas que ocorreram exclusivamente nas formas síncronas e/ou assíncronas, entre vários outros que nos fizeram olhar as aulas de um ângulo diferente no que diz respeito à concepção do ensino e aprendizagem da música em ambientes virtuais.

Portanto, a partir da questão de pesquisa buscou-se responder a objetivos específicos, sendo o primeiro deles: Identificar quais as contribuições e desafios encontrados pelos professores ao ministrar as aulas de arte/música de forma remota; Essa especulação foi aparecendo nas falas dos entrevistados que, através de suas palavras, descreveram a dificuldade de encontrar contribuições positivas em dar aulas nesse período, sobretudo no contexto de atuação dos dois professores. De forma geral, os desafios foram mais aparentes abrindo espaço para uma boa reflexão sobre esse aspecto e respondendo de maneira satisfatória a esse objetivo específico.

Com o segundo objetivo específico, buscamos descrever quais estratégias os professores utilizaram para as aulas de arte/música no período remoto e nas falas dos dois professores, foi possível descrever diversas estratégias usadas por eles nesse período remoto. Através de seus relatos, notamos que ambos tiveram que se reinventar para ministrar suas aulas aprendendo a utilizar ferramentas que vão desde uso de plataformas online e aplicativos de edição áudio e vídeo, até a maneira mais lúdica de desenvolver suas aulas e de fazer melhorar o entendimento por parte dos alunos respondendo assim ao segundo objetivo.

Além disso, foi possível analisar a concepção dos professores sobre o ensino de arte/música de forma remota. Em seus relatos, eles deixaram claro de qual maneira eles enxergam esse momento no ensino da música. Para eles, as aulas de música durante a pandemia tiveram muitas dificuldades, além de trazer diversos danos à saúde mental e física tanto dos alunos quanto dos professores.

Por último, identificar fatores que afetam a prática desenvolvida pelos professores no contexto de ensino remoto emergencial foi outra questão que buscamos responder através dessa pesquisa. Dentre os fatores identificados destacamos a falta de acesso dos alunos às ferramentas tecnológicas necessárias para as aulas no ensino remoto emergencial e a desigualdade social que afetou de maneira direta a prática dos professores nesse período de aulas remotas recorrente devido à pandemia da Covid-19.

Certos de que esse tema é algo bastante amplo e tendo em vista que esse trabalho fez apenas um pequeno recorte nos diversos aspectos importantes a serem estudados, a nossa intenção é que, a partir desta pesquisa, num projeto de futuro, busquemos fazer uma pesquisa documental com o objetivo de analisar o conteúdo e materiais produzidos pelos professores durante esse período remoto emergencial. Faz-se necessária uma análise tanto dos materiais prontos que os professores encontraram através de suas pesquisas, quanto aqueles que eles próprios criaram para facilitar o processo de ensino aprendizagem que foi algo desafiador para criação de suas estratégias de ensino aplicadas aos recursos utilizados de maneira remota.

Ao finalizar essa pesquisa, é possível visualizar a sua contribuição para minha formação acadêmica, tanto no âmbito profissional quanto no pessoal. Através das contribuições dos professores entrevistados e de todos os caminhos percorridos para chegar a conclusão deste trabalho, vejo o quanto ele contribuiu para o meu crescimento como pesquisador, através dele compreendi como funcionam os processos metodológicos utilizados nesse formato de pesquisa, além de agregar conhecimento sobre as aulas de música no formato remoto, que traz consigo tantos desafios.

Por fim, esse trabalho pode contribuir para a área da educação musical ao trazer detalhes sobre a atuação de professores de artes/música em contexto de pandemia. Com o recorte daquilo que foi vivenciado pelos professores de artes/música durante esse período difícil que a humanidade está passando, a pandemia da Covid-19, foi possível perceber as estratégias que eles utilizaram e como foi possível que as aulas chegassem aos estudantes. Sob a ótica dos dois professores entrevistados conseguimos vislumbrar a experiência de ministrar aulas em meio ao isolamento social e trabalhar exclusivamente em *home office*. Nesse sentido, conseguimos ter a sensação de dever cumprido depois de um longo processo de pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Sérgio Alexandre de; SANTOS, Carla pereira dos; MARINHO, Vanildo Mousinho. Ensino remoto de violão coletivo: desafios e (re)invenções pedagógicas durante o período da pandemia do COVID-19. *In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, 15., 2020, evento on-line. **Anais [...]**. evento on-line: ABEM, 2020. p. 1-13. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/regnd2020/nordeste/paper/viewFile/458/269>. Acesso em: 21 jan. 2021.
- ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. Estudo de caso: seu potencial na educação. **Cadernos de pesquisa**, n. 49, p. 51-54, 2013. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/cp/article/view/1427>. Acesso em: 25 de ago. 2021.
- BARROS, Matheus H. D. F. Educação musical, tecnologias e pandemia. **OuvirOUver**, v. 16, n. 1, p. 292-304, 2020. Disponível em: [Educação musical, tecnologias e pandemia | ouvirOUver \(ufu.br\)](http://www.ufrj.br/revistas/revista-ouvirouver/article/view/1427). Acesso em: 20 jan. 2021.
- BELTRAME, Juciane Araldi. O tempo/espaço em aulas on-line no curso de Licenciatura em Música da Universidade Federal da Paraíba. *In: Souza, Jussara. et al. O cotidiano no cotidiano da pandemia: reflexões e experiências com a educação musical*. Porto Alegre: Scientific, 2021. p. 86-93.
- LIMA B., Carlos Renato de. Reflexões sobre o canto coral em Igrejas Batistas e a COVID-19. *In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, 15., 2020, evento on-line. **Anais [...]**. evento on-line: ABEM, 2020. p. 1-14. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/regnd2020/nordeste/paper/viewFile/490/252>. Acesso em: 23 jan. 2021.
- MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. *Didática*, São Paulo, v. 26/27, p. 149-158, 1990/1991. Disponível em: [A entrevista na pesquisa social - Educação Inclusiva UERJ \(eduinclusivapesq-uerj.pro.br\)](http://www.producao.ufrj.br/revistas/revista-didatica/article/view/1427). Acesso em: 25 jan. 2021.
- MANZINI, E. J. Entrevista semi-estruturada: análise de objetivos e de roteiros. *In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOBRE PESQUISA E ESTUDOS QUALITATIVOS*, 2., 2004, Bauru. A pesquisa qualitativa em debate. **Anais [...]**. Bauru: USC, 2004. Disponível em: [*ANÁLISE DE QUESTÕES CONCEITUAIS E PRÁTICAS EM ROTEIROS PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA \(unesp.br\)](http://www.unesp.br/revistas/revista-qualitativa/article/view/1427). Acesso em: 10 fev. 2021.
- MELO C., Júlio César de. Educação Musical na Cultura Digital: ensino e aprendizagem e utilização de tecnologias no contexto universitário. *In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL*, 15., 2020, evento on-line. **Anais [...]**. evento on-line: ABEM, 2020. p. 1-16. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/regnd2020/nordeste/paper/viewFile/544/271>. Acesso em: 29 jan. 2021.
- NASCIMENTO S., Daniel do; OLIVEIRA T., Israel de. Núcleo de Educação Musical e Artes: Desenvolvimento das Dimensões da Musicalidade nas aulas de Arte em Caucaia/CE no início do distanciamento social através do Youtube. *In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA*

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 15., 2020, evento on-line. **Anais** [...]. evento on-line: ABEM, 2020. p. 1-14. Disponível em: [Microsoft Word - 490-2204-1-DR \(abem-submissoes.com.br\)](https://abem-submissoes.com.br). Acesso em: 22 jan. 2021.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. Licenciatura em música e habitus conservatorial: analisando o currículo. **Revista da ABEM**, Londrina, v.22, n.32, p. 90-103, jan./jun. 2014. Disponível em: [Licenciatura em música e habitus conservatorial: analisando o currículo | Pereira | REVISTA DA ABEM \(abemeducacaomusical.com.br\)](https://abemeducacaomusical.com.br). Acesso em: 28 jan. 2021.

SANTOS, Zineide Pereira dos; BORTOLIN, Sueli; ALCARÁ, Adriana Rosecler. Entrevista narrativa: possibilidades de aplicação na ciência da informação. **REBECIN**, São Paulo, v. 6, n. 2, p. 44-66, jul./dez. 2019. DOI 10.24208/rebin.v6i2.188. Disponível em: [Vista do Entrevista narrativa | Revista Brasileira de Educação em Ciência da Informação \(abecin.org.br\)](https://abecin.org.br). Acesso em: 10 fev. 2021.

VON RANDOW, Giselle Leite Franklin; TULER, Luiza Carla Martins da; OLIVEIRA, Rayani Tamila de Souza Amorim. Os desdobramentos do home office durante a pandemia: o novo ambiente de trabalho e suas consequências. **Anais da Noite Acadêmica**, v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: [OS DESDOBRAMENTOS DO HOME OFFICE DURANTE A PANDEMIA: O NOVO AMBIENTE DE TRABALHO E SUAS CONSEQUÊNCIAS | Von Randow | Anais da Noite Acadêmica do Centro Universitário UNIFACIG](https://unifacig.com.br). Acesso em: 10 set. 2021.

WESTERMANN, Bruno; PORTUGAL, Diogo; RODRIGUES, Paulo. Ensino de violão e pandemia: relato de experiência de uma ação de Extensão. *In*: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 15., 2020, evento on-line. **Anais** [...]. evento on-line: ABEM, 2020. p. 1-14. Disponível em: <http://abem-submissoes.com.br/index.php/regnd2020/nordeste/paper/viewFile/481/270>. acesso em: 27 jan. 2021.

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO.

TERMO DE CONSENTIMENTO

1- A entrevista será realizada por Leandro Felix Cavalcante, aluno da Licenciatura em Música da UFPB, sob orientação direta da Profa. Dra. Juciane Araldi Beltrame.

2- A entrevista será gravada em áudio e vídeo para posterior transcrição.

3- Os dados serão analisados criticamente com base na produção científica da área de educação musical.

4- Os resultados integrarão o Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) e poderão ser apresentados em encontros acadêmicos ou publicados em periódicos científicos da área de educação musical



leandroppb02@gmail.com
(não compartilhado) [Alternar conta](#)



***Obrigatório**

Na qualidade de professor de música/artes em escola pública lecionando aulas no ensino fundamental, você se dispõe a participar livremente da pesquisa "Como os professores de arte/música X e Y desenvolveram suas atividades de ensino durante a pandemia." do aluno Leandro Felix Cavalcante do curso de Licenciatura em música da UFPB, matrícula 20170169583, concedendo a entrevista, conforme as diretrizes apresentadas acima? *

Sim

Não

APÊNDICE B - ROTEIRO DAS ENTREVISTAS.

1- Conte sobre sua trajetória como professor de artes.

- Há quanto tempo atua na educação básica?
- Já atuou ou atua em outros espaços além da educação básica? Quais? Por quanto tempo?
- Qual a sua formação? Estudou em mais alguns lugares além da universidade?

2- Qual a sua opinião sobre aulas de música online durante a pandemia?

- Como você se sente nesse processo?
- Como comparar com as aulas presenciais?
- Você conseguiria nomear qual tem sido o seu maior desafio enquanto professor?
- E quanto aos desafios para os alunos. O que você tem observado?

3- Você trabalha de forma síncrona, assíncrona ou as duas?

- Comente sobre cada uma delas.

4- Quais os tipos de ferramentas tecnológicas você utiliza em suas aulas online?

- Você usava alguma delas antes do período da pandemia? Quais? Como?

5- Quais plataformas online você utiliza para ministrar suas aulas?

- Quais as vantagens e desvantagens encontradas em cada uma delas para o processo pedagógico-musical?

6-a No caso de professor que use aulas síncronas:

- Qual o nível de interesse dos alunos nas aulas síncronas?
- Tem percebido seus alunos engajados nas atividades propostas em aula?
- Como tem sido a participação? Quantos alunos do total da turma, participam efetivamente?
- Você tem conhecimento sobre os que não estão participando? sobre os motivos?
- Quais os tipos de estratégias que você utiliza para fazer as atividades práticas nas aulas síncronas?

6-b No caso de professor que use atividades assíncronas

- Quais os tipos de atividades que você desenvolve?
- Quais plataformas e recursos utiliza?
- Como tem sido a participação?
- Você tem conhecimento do motivo da não participação das aulas?
- Quais estratégias são utilizadas para atividades práticas na forma assíncrona?

7- Utiliza algum instrumento musical para as aulas, como? Poderia exemplificar?

- Você utiliza para cantar? acompanhar?
- Você utiliza para alguma atividade de percepção, por exemplo?
- o instrumento tem uma função pedagógica ou mais de acompanhamento?

8 - Você utiliza algum repertório específico com cada turma?

- Quais critérios você utiliza para escolher o repertório a ser trabalhado nas aulas?
- Os alunos participam no processo de escolha do repertório durante o ano letivo?

9 - Você teve alguma formação específica para as aulas online? Promovida pela instituição? Como foi?

- Atendeu as necessidades do ensino da música?

10 - Quais os seus principais aprendizados como professor nesse período de pandemia?**11- Sobre a experiência de dar aulas online.**

- Desde o início do período de aulas online, em relação às ferramentas tecnológicas ou ao engajamento dos alunos, você enfrentou muitas dificuldades para ministrar as aulas? Se sim, conte como fez para contorná-las.

12 - Sobre a rotina de trabalho.

- Você marca horário com os alunos para que eles possam entrar em contato e tirar dúvidas via WhatsApp e messenger, por exemplo. Se sim, como você organiza isso?
- Como você tem organizado sua rotina de trabalho na escola nesse período de pandemia?
- A carga horária tem aumentado em relação à presencial?